UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

ELAINE ALVES TRINDADE NUNES

elainetrindade@uol.com.br

**A LEGENDAGEM DA TELEVISÃO POR ASSINATURA
DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de Concentração: Tradutologia

Orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

São Paulo
Janeiro de 2012

Folha de Aprovação

Elaine Alves Trindade Nunes

A LEGENDAGEM DA TV POR ASSINATURA DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre
em Linguística.
Área de Concentração: Tradutologia

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Dedicatória
Àqueles que me fizeram ser quem sou.
Meus pais, Rui e Floripes
Meus filhos, Rodrigo e Fernanda.

Agradecimentos

Aos meus filhos, Rodrigo e Fernanda e aos meus pais, Rui e Floripes, por todo o amor, carinho, dedicação, incentivo, colaboração e compreensão.

Aos meus irmãos, Eliane e Flávio, pelo carinho.

À minha prima, Sonia Mara, que tanto me incentivou e apoiou em todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francis Henrik Aubert, pela orientação, atenção, compreensão e pelo carinho.

Aos professores John Milton e Stella Tagnin pelo incentivo.

À profa. Luciana Ginezi, uma amiga para todas as horas. A Flávio Nóbrega, Marcos Benchimol e Edil Silva por todo o apoio e carinho.

Às professoras do curso de Tradução e Interpretação da Universidade Nove de Julho (Uninove), Magali Sant'Ana e Márcia Fusaro, por terem aberto as portas e acreditado em meu trabalho.

E aos amigos que me apoiaram e incentivaram: Roberto Bassi, Adilson Souza, June Camargo, Fabiana Parpinelli e Renata Colasante.

RESUMO

TRINDADE, E. A. **A Legendagem da Televisão por Assinatura do Brasil**. 2012. 119f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

O objetivo deste trabalho é analisar como é feita a legendagem utilizada pelos canais de televisão por assinatura no Brasil e verificar se é possível identificar um padrão comum a todos eles. A utilização da proposta de padrão de legendagem para a Europa apresentada por Fotios Karamitroglou e a minha experiência na área como tradutora de legendas para TV serviram como base para realizar as análises. O estudo utiliza *corpora* em língua inglesa, as falas originais dos filmes, e em língua portuguesa, a transcrição das legendas de filmes exibidos pelos canais. A escolha dos canais considerou a relevância que a legendagem tem em sua programação diária. A análise foi feita por meio de comparações entre o *corpus* da transcrição do original e o das legendas e foram considerados tanto os aspectos técnicos da legendagem quanto os textuais e tradutórios. Os resultados foram compilados e podem servir de base para analisar outros aspectos da tradução para legendas.

Palavras-chave: Legendagem, Tradução de Filme, Legendas para TV, Tradução para Legendas, Legendagem Brasileira

ABSTRACT

TRINDADE, E. A. **Brazilian Cable Channels Subtitling**. 2012. 119f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This research aims to analyze the Brazilian Cable Channels Subtitling in order to verify if it is possible to identify a standard for subtitling. "A Proposed Set for Subtitling Standard in Europe" by Fotios Karamitroglou, and my experience as a translator are the basis for doing the analysis. The study uses an English *corpus*, the original lines from the movies, and a Portuguese *corpus*, the subtitle transcription from the movies broadcasted by the channels. The channels selection took account of the relevance that subtitling has in their daily schedule. The analysis was done by comparing both *corpora*, and technical, textual and translation aspects, and the final results was compiled and can be used as a base for analyze another subtitling aspects.

Keywords: Subtitling, Movie Transtation, TV Subtitles, Translation for Subtitle, Brazilian Subtitling

Lista de Quadros

QUADRO 1 - LEGENDAGEM: TRADUÇÃO DIAGONAL – GOTTLIEB (1994).....	34
QUADRO 2 - LISTA DE FILMES	61
QUADRO 3 - FICHA FÍLMICA	65
QUADRO 4 - CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA LEGENDAGEM.....	75
QUADRO 5 - CARACTERÍSTICAS TEXTUAIS E TRADUTÓRIAS DA LEGENDAGEM	76

Sumário

1	Introdução	10
2	Fundamentação Teórica.....	15
2.1	Legendagem	16
2.1.1	História da Legendagem	22
2.1.2	Legendagem: os primeiros estudos	27
2.1.3	A Legendagem na década de 1990	31
2.1.4	O Novo Século na Legendagem	41
2.2	Teoria do Skopos	42
2.3	As Modalidades da Tradução	46
2.4	Legendagem e Adaptação	48
2.5	A qualidade na tradução para legendas	54
3	Metodologia.....	60
3.1	A Construção dos Corpora	60
4	Análise dos Dados	67
4.1	Características Técnicas da Legendagem.....	68
4.2	Características Textuais e Tradutórias	70
4.3	Resultados	74
5	Considerações Finais	77
6	Referências Bibliográficas	81
7	Bibliografia Consultada.....	85
8	Anexos – Fichas Fílmicas.....	107
8.1	Encontrando Forrester.....	107
8.2	Encontros e Desencontros	108
8.3	Erin Brockovich: Uma mulher de talento.....	109
8.4	Filadélfia.....	110
8.5	ShowBar.....	111
8.6	Sem Saída	112
8.7	O Som do Coração.....	113

8.8	O Clube de Leitura de Jane Austen	114
8.9	Um sonho de liberdade	115
8.10	Dez Coisas que Odeio em Você.....	116
8.11	Um dia Especial	117
8.12	Seinfeld	118
8.13	Friends	119

1 Introdução

A tradução audiovisual, subárea da tradução que se ocupa dos textos apresentados em produções audiovisuais como filmes, séries e documentários, é, sem dúvida, o tipo de tradução mais consumida no mundo, segundo pesquisadores como Gambier (1994 e 1996), Henrik Gottlieb (1994 e 2000), Throsten Schröter (2005).

No Brasil, apesar de não ter localizado pesquisas que comprovem esse fato, basta observar que diariamente é exibido em praticamente todos os canais de televisão, sejam eles abertos ou pagos, produções estrangeiras com suas traduções, logo, qualquer brasileiro que tenha uma televisão em casa, entra em contato com o produto dessa tradução, seja ela em produções legendadas, dubladas ou em *voice-over*.

A tradução audiovisual não representa um modo único de traduzir: reparte-se em categorias diversas, cada qual com características únicas do ponto de vista técnico, ou seja, com referência ao processo tanto da tradução quanto da sua finalização para a exibição. Considerando as práticas mais utilizadas no âmbito da TV por assinatura, destacamos:

- *Legendagem*: tradução para texto escrito do que é falado na produção cinematográfica, fazendo com que o telespectador entre em contato com as duas versões simultaneamente; é possível

ouvir a fala original e ler as legendas com a tradução do que foi dito.

- *Dublagem*: reprodução do texto falado do original em uma tradução também oral, inserida no filme em substituição ao áudio original, fazendo com que o telespectador tenha apenas a versão dublada na língua alvo.
- *Voice-over*: tradução muito utilizada em documentários. Permite que o telespectador ouça o início da fala original e em seguida passe a ouvir uma narração na língua de chegada, porém, durante todo tempo é possível ouvir ao fundo o áudio do original.

Dentre essas três subáreas da tradução audiovisual, a legendagem, por suas características técnicas, acabou se tornando a prática preferida dos canais de televisão pagos, principalmente nos 10 primeiros anos de sua introdução no Brasil. Esse fato ocorreu devido a dois fatores: primeiro, a preferência do público que esses canais pretendiam atingir; e, segundo, a produção poderia ser feita em menos tempo e a um custo bem inferior se comparada às outras duas práticas mencionadas acima.

A TV paga chega ao Brasil em 1991 com a TVA e, desde então, tem apresentado crescimento expressivo. Segundo dados da Anatel de abril de 2011, esse tipo de retransmissão já estava presente em mais de 10 milhões de lares, sendo assistida por mais de 35 milhões de brasileiros, pouco menos de

20% da população, fato que mostra o quanto essa prática ainda pode crescer. No mesmo relatório, a Anatel divulgou que o crescimento do número de assinaturas no ano de 2010 superou os 30%.

Como vemos, a TV paga tem um crescimento bem expressivo e junto com ela aumenta a popularidade da legendagem, apesar de nos últimos anos ter aumentado o número de canais com transmissões dubladas. Entretanto, com a tecnologia da televisão digital, mesmo os canais que disponibilizam inicialmente a programação dublada, agora também apresentam a alternativa de idioma original com legendas em português e em muitas exibições, coocorrem a legendagem e a dublagem (com efeitos por vezes algo dissonantes).

Todos esses dados mostram a importância que a tradução audiovisual tem conquistado nos últimos anos e, nela, a legendagem continua tendo um papel de destaque.

Contudo, concomitantemente com a expansão da TV paga crescem as críticas à baixa qualidade das legendas. Como profissional da área há mais de 15 anos, o fato de ouvir rotineiramente que os tradutores de legenda não desempenham seu trabalho de forma que o público confie no seu resultado fez com que eu começasse a fazer enquetes informais com as pessoas a fim de identificar o porquê de terem a sensação de estarem lendo uma tradução errada. E, a partir das respostas recebidas, foi possível identificar que a principal crítica residia no fato de que as pessoas com algum conhecimento do idioma do

filme original, que geralmente é o inglês, não identificam na legenda algumas palavras que eram ouvidas e compreendidas levando-as a afirmar que a legenda estava errada e gerando, portanto, a desconfiança da qualidade da legendagem.

Entretanto, o público em geral desconhece que o profissional de legendagem no Brasil, quando contratado por um laboratório, ou por um canal de TV paga, recebe, na grande maioria das vezes, um manual de procedimentos. Esse manual destaca além dos aspectos técnicos da legendagem, os padrões linguísticos que devem ser seguidos no ato tradutório, fazendo com que o tradutor não tenha total liberdade para fazer a sua tradução.

Essa falta de liberdade ocorre por conta de três pontos muito característicos da legendagem: (1) a restrição ao número de caracteres utilizados na legenda devido ao espaço físico da tela; (2) a exigência, feita por vários contratantes, de os tradutores usarem apenas a norma culta escrita; (3) a censura aplicada pelos exibidores que obrigam o tradutor a substituir palavras consideradas chulas ou inapropriadas por palavras mais "polidas" do ponto de vista semântico.

Tendo em vista que o tradutor não tem total controle sobre a sua tradução, o presente trabalho inclui uma apresentação do padrão de legendagem praticado pelos canais de TV paga no Brasil, com o intuito de

demonstrar que as críticas sobre a falta de qualidade das legendas não deve apenas recair ao tradutor, pois é preciso analisar o processo como um todo.

É inegável que há profissionais sem muita capacitação no mercado, mas também há profissionais competentes que se veem proibidos de entregar um trabalho segundo seus critérios de tradução, pois têm de seguir regras e normas impostas por seus contratantes.

Quando pesquisamos a legendagem no Brasil, não foi possível encontrar estudos voltados para a tradução de legendas levando em consideração o conjunto total de regras e normas que os tradutores são obrigados a seguir, entretanto, há alguns trabalhos internacionais que serão descritos no capítulo 2 que são utilizados como bases de orientação para o trabalho dos tradutores com respeito ao procedimento de tradução de legendas.

Logo, o objetivo deste trabalho é analisar como é feita a legendagem utilizada pelos canais de televisão por assinatura no Brasil e verificar se é possível identificar um padrão comum a todos eles. Serão utilizados uma proposta de padrão de legendagem para a Europa e a minha experiência na área como tradutora de legendas para TV para realizar as análises.

2 Fundamentação Teórica

Os estudos da tradução oferecem várias linhas e abordagens teóricas que podem ser utilizadas para orientar a investigação dos fenômenos tradutológicos. Entretanto, quando analisamos as teorias da tradução em busca de uma base para entender e justificar todos os procedimentos da tradução audiovisual e dentro dela, especificamente, da legendagem, deparamo-nos com uma lacuna, pois não foi possível encontrar teorias que levassem em consideração todo o complexo universo semiótico com o qual o tradutor de legendas tem de lidar, visto que o seu produto final faz parte de uma produção cinematográfica que tem na imagem um ponto de destaque e, além disso, o material do tradutor de legendas é um texto fonte oral que deve ser traduzido como um texto alvo escrito e submetido a inúmeras limitações.

Segundo Yves Gambier (2009) os Estudos da Tradução "deveriam ser revisados, ampliados e repensados quando são aplicados à tradução audiovisual". Alguns pontos, como o "conceito do texto, da autoria, do sentido", as referências às "unidades de tradução", a "estratégia de tradução" e "as normas" e até alguns conceitos sobre "texto escrito e texto oral" não podem ser aplicados à tradução audiovisual como um todo.

Sendo assim, a base teórica deste trabalho é composta de duas vertentes, a primeira voltada especificamente para a Legendagem, descrevendo os aspectos técnicos e práticos do processo, com uma breve apresentação da

história do cinema naquilo que importa para entender os fatores que levaram ao desenvolvimento dessa prática específica de tradução.

A segunda base teórica volta-se para a Tradução em si, considerando duas linhas que podem ser vistas como complementares. Uma primeira, a Teoria do Skopos de Vermeer (2000) aborda aspectos mais amplos da tradução, principalmente com referência ao seu propósito, seu objetivo. A outra linha teórica, os Procedimentos Técnicos da Tradução, de Vinay e Darbelnet (1958), reformuladas por Aubert (1984, 1998 e 2006) como Modalidades de Tradução, visa a analisar o ato tradutório a partir do cotejo detalhista entre original e tradução; nessa linha, serão consideradas essencialmente duas modalidades, a Modulação e a Omissão, por estarem presentes o tempo todo na tradução para legendas.

Além disso, também serão abordados aspectos referentes a dois temas recorrentes com relação à Legendagem: (1) a constante referência à Tradução de Legendas como sendo uma Adaptação e não uma tradução, e (2) os critérios para avaliar a qualidade de uma legenda.

2.1 Legendagem

A legendagem surge quase ao mesmo tempo que o cinema, como um tipo de narrador apresentando informações sobre a história que estava sendo apresentada, ou para oferecer pequenos resumos das falas das personagens. Mas, apesar de sua importância, principalmente ao considerarmos que o

sucesso obtido pela indústria do cinema deve muito a ela por proporcionar a exportação desse produto para todos os países do mundo, por décadas nada foi dito a respeito dessa prática de tradução.

Podemos dizer que ela nem era considerada tradução quando começaram a estudar seu processo, mas sim, uma adaptação linguística entre dois idiomas. Raramente falavam de tradução de filmes, usavam apenas a palavra legendagem para se referir ao processo de transpor as falas de um filme para outro idioma.

Esse fato era tão comum que, durante meu curso de graduação em Tradução e Interpretação, tive problemas com meu trabalho de conclusão de curso, pois a instituição em que estudava não permitia trabalhos sobre legendagem. A recusa era dada com a observação de que legenda não é tradução, é adaptação, e por ser uma adaptação, não era possível fazer um trabalho de conclusão de curso de Tradução analisando a legendagem.

No início da década de 1990 a Legendagem conseguiu seu lugar dentro dos Estudos da Tradução (ET) sendo inserida na subárea de Tradução Audiovisual, porém isso ocorre apenas na Europa. No Brasil, até o final da década de 1990, a Tradução Audiovisual ainda não fazia parte do currículo da graduação em Tradução.

Bartolomé e Cabrera (2004) apresentam um trabalho dizendo que os ET começaram a fazer parte do universo acadêmico na década de 1950 com os

trabalhos de Vinay e Darbelnet, porém, privilegiando apenas a literatura. Posteriormente, na década de 1970, com Holmes, a tradução literária deixa de ser o único objeto de estudo dos acadêmicos e na próxima década já é possível encontrar estudos sobre várias subáreas da tradução tais como a médica, a jurídica e a de negócios.

Com relação à Tradução Audiovisual, Diaz Cintas (2004) afirma que os primeiros artigos acadêmicos a relacionar a legendagem e a dublagem com uma perspectiva da tradução surgem no final da década de 1950 e início da década de 1960 na Europa. Segundo ele, houve uma edição especial da revista *Babel* em 1960 chamada *Cinéma et traduction* que é considerada um marco para os estudos da área apesar de não ter sido a primeira publicação a utilizar esse título. Em 1956, o jornal *Le Linguiste*, apresentou um trabalho superficial que recebeu o mesmo título da edição especial da *Babel*.

Na década de 1980 já se encontra estudos sobre legendagem em vários países europeus e Diaz Cintas diz que a década de 1990 foi um período de destaque para a área que na época já recebia o nome de Tradução Audiovisual.

Mas mesmo assim, qual área dos Estudos da Tradução possibilitaria a análise da Tradução Audiovisual? Bartolomé e Cabrera (2004) apresentam o seguinte esquema para localizar exatamente onde essa área está inserida:

O esquema acima apresenta apenas uma das ramificações dos Estudos da Tradução. Bartolomé e Cabrera (2004) destacaram apenas as subáreas que levam à Tradução Audiovisual. Sendo assim, temos o primeiro subgrupo chamado por eles de *Constrained Translation*, que optei por traduzir como “Tradução com Restrições”. Esse subgrupo trabalha com qualquer tipo de texto que tenha alguma restrição que obriga o tradutor a manipular a sua tradução. Essas restrições podem ser de espaço, como as histórias em quadrinho, as propagandas, os slides em PowerPoint, sites da internet e legendas de filmes, mas também pode ser uma restrição com relação ao tempo, como as músicas, legendas e dublagens que devem ser traduzidas sempre levando em consideração o tempo do original.

Quando listamos os tipos de texto que apresentam restrições, vemos que a legendagem enfrenta uma dupla restrição, ela tem a restrição de tempo, pois o texto da legenda deve possibilitar a sua leitura no tempo exato da duração da fala da personagem, mas também tem a restrição de espaço, pois o texto da

legenda precisa ser apresentado na tela de exibição, seja no cinema ou na televisão, com um tamanho de caractere que permita a leitura a distância.

Em seguida temos a Tradução de Multimídia, que inclui sites da internet, as histórias em quadrinhos, as legendas e as dublagens. Na Multimídia, os autores consideram que a imagem desempenha um papel importante na análise e na interpretação do texto apresentado.

Passamos então para a Tradução Audiovisual que abordará essencialmente os produtos referentes a produções cinematográficas, compreendidos em filmes de longa metragem; séries; documentários; programas jornalísticos, humorísticos; palestras e cursos.

Vemos que a inclusão da Tradução Audiovisual dentro dos Estudos da Tradução, percorreu um longo trajeto e só surge nesse cenário na década de 1980. E das duas práticas mais utilizadas nessa área, Legenda e Dublagem, esta última, apesar de ser extremamente utilizada por vários países, não despertava grande interesse na área da pesquisa. E a Legenda, talvez pelo baixo volume de trabalho, também ficava à margem da academia.

E quando esse cenário começa a mudar? A mudança ocorre graças à tecnologia com o lançamento do vídeo cassete (VCR) no início da década de 1980. Antes dele, os filmes com legendas eram assistidos apenas no cinema, mas com o VCR surge uma nova indústria, e era possível alugar ou comprar um filme legendado e assisti-lo em casa.

Com isso, o volume de traduções para legenda aumentou muito, pois os estúdios de cinema não lançavam fitas de vídeo (VHS) apenas dos novos filmes, eles passaram a lançar todos os filmes já produzidos, em um primeiro momento concentrando-se nos clássicos do cinema e, depois, nos filmes que obtiveram ou obtinham um grande sucesso de bilheteria, os chamados *blockbusters*. Este incremento, por sua vez, resultou em uma grande procura de profissionais na área.

Quando entramos na década de 1990, outro avanço promovido pela tecnologia faz com que a tradução de legendas atinja o seu ápice. A TV paga entra em cena e com ela um grande número de canais que transmitiam 24 horas de filmes e séries. Essa nova modalidade de exibição fez com que o número de profissionais para tradução de legenda tivesse de crescer muito e em curto prazo. E, aqui no Brasil, em meados de 1990, o canal HBO, antes de iniciar suas transmissões viu-se obrigado a formar tradutores de legenda, pois não conseguiu encontrar em São Paulo, cidade em que estava se instalando, o número de profissionais que necessitava.

Vemos então que podemos, de certa forma, agradecer aos avanços da tecnologia pela posição que a legendagem ocupa atualmente dentre os estudos da tradução. Os dois marcos, o lançamento do VCR e dos canais pagos, fizeram com que a legendagem saísse das sombras em que se encontrava por mais de sete décadas e passasse a figurar como uma personagem de destaque na área da tradução.

2.1.1 História da Legendagem

Quando pensamos na história da legendagem, precisamos considerar que ela surge pela necessidade de levar uma produção cinematográfica de um país a outro. Portanto, se a legendagem é o veículo que permite esse acesso, é importante mencionar que o surgimento da legenda está intrinsicamente ligado ao surgimento do cinema.

O Surgimento do Cinema

O cinema nos leva para dentro da fantasia ou da realidade, com toda as suas nuances; ele também serve como ferramenta de divulgação de culturas e costumes: coloca-nos em contato com outros idiomas, conta-nos histórias, serve como entretenimento, como companhia, enfim, faz parte de nossas vidas.

Com a sua invenção, surge uma nova indústria que com o passar do tempo vem a movimentar somas bilionárias todos os anos em todo o mundo. A indústria cinematográfica consegue fornecer um produto de grande aceitação. Mas como foi o surgimento dessa indústria?

Segundo Ronald Bergan no *Guia Ilustrado Zahar – Cinema* (2007), os registros existentes indicam que o primeiro passo para o surgimento do cinema foi a patente do Cinetoscópio obtida por Thomas Edison nos Estados Unidos, em 1891. Nesse aparelho bastante primitivo inseria-se um filme com cerca de 1,5m de comprimento e, utilizando um orifício com função de visor, o filme era

exibido continuamente. Entretanto, segundo Anatol Rosenfeld (2002, p.60), o interesse de Edison era comercializar seu equipamento e não exibir ou produzir filmes. E ele consegue seu intento, pois a Europa foi invadida pelo seu equipamento que passou a ser utilizado em parques de diversão e em outros lugares com aglomeração de público.

E foi exatamente a partir dessa criação de Edison que dois irmãos franceses, Auguste e Louis Lumière, após conhecerem o cinetoscópio resolveram desenvolver uma máquina para competir com esse dispositivo e criaram o Cinématographe – cinematógrafo –, patenteado em 13 de dezembro de 1895, e que consistia de um tipo de câmera com projetor.

A primeira exibição pública desse equipamento francês ocorre em 28 de dezembro de 1895 no Salon Indien do Grand Café em Paris e teve a duração de 20 minutos. A exibição consistia em 10 filmes gravados com uma câmera móvel que apresentavam algumas cenas do cotidiano.

Após os primeiros anos de filmagens sempre retratando os movimentos da vida diária com o intuito de entreter, essa nova forma de diversão faz o caminho de volta para os Estados Unidos, mais precisamente para Hollywood e, em 1903, Edwin S. Porter filma *O grande roubo do trem*, considerado a primeira produção que conta uma história bem definida contendo planos gerais e um único *close-up*.

Na época, o deslumbramento com a possibilidade de perpetuar os movimentos atraía tanta atenção que as pessoas sequer se incomodavam com o fato de que esses filmes eram produzidos sem som e, ainda segundo Rosenfeld (2002), a inclusão das músicas para acompanhar a exibição ocorreu apenas porque o ruído gerado pelo equipamento incomodava as pessoas e a música, geralmente tocada por uma orquestra dentro da sala de exibição, surge nesse contexto para aliviar o incômodo ruído.

A gravação do som chega ao cinema apenas em 1926. Nessa época, a Warner Bros. apresenta aos donos de salas de exibição o filme *Don Juan* com John Barrymore, “o primeiro programa sincronizado com o sistema de gravação sonora Vitaphone” (Bergan, 2007), porém, o som consistia em uma gravação musical que poderia ser usada como alternativa para a música ao vivo que era tocada pelas orquestras. E, em 1927, a mesma Warner Bros. lança o longa-metragem *O cantor de jazz* que continha “músicas e alguns diálogos sobrepostos com sincronia labial”, sendo esse filme considerado por vários historiadores do cinema como a primeira produção completa, ou seja, imagem e som gravados e sincronizados, permitindo que o público não só assistisse ao filme, mas também ouvisse os diálogos.

Nas décadas de 1910 e 1920, o cinema em Hollywood evolui rapidamente graças ao interesse que despertou em grandes milionários, e as produções passam a ser exportadas para outros países. Com a exportação, porém, surge o problema do idioma, e os países não falantes da língua inglesa

começam a exigir dos americanos que os diálogos fossem feitos em seus idiomas.

Em 1929, E. A. Dupont faz uma tentativa de lançar um filme multilíngue, *Atlantic*, (Bergan, 2007), que teve seu roteiro gravado três vezes com três elencos diferentes, em inglês, francês e alemão, mas a cara produção não obtém sucesso e a ideia de agradar os falantes de outros idiomas é deixada de lado, passando a solução desse problema para os países que se interessassem em comprar as produções.

O Surgimento da Legenda

Desde o início do cinema, era comum a utilização de um tipo de legenda nos filmes mudos. Marleau (1982) afirma que o termo *sous-titre* – legenda –, surge no vocabulário francês no semanário parisiense *Le Cinéma* em 5 de abril de 1912. E o filme *La case de l'oncle Tom* de 1903 foi o primeiro a inserir legendas em uma produção cinematográfica, porém essas legendas, que eram chamadas de intertexto, resumiam-se a “breves textos explicativos entre [as cenas do] filme para facilitar o entendimento”.

À medida que o cinema mudo conquistava o público, mais e mais intertextos eram inseridos nos filmes e o americano Stuart Blackton, ainda nos primeiros anos do século XX, foi o primeiro a utilizar os intertextos, em inglês, visando apresentar um resumo das falas das personagens.

Pouco mais de duas décadas depois, em 1927, havia duas opções para a inclusão das legendas, a primeira opção era a inclusão de uma ou várias linhas de diálogo, chamadas agora de “legendas de diálogo” (os mesmos intertextos do início do século), que eram inseridas entre as cenas do filme geralmente em uma tela preta, e a segunda opção era a inclusão de uma ou duas frases explicativas na própria cena, juntamente com a imagem do filme. (Marleau, 1982)

Essa última alternativa recebeu o nome de “legendas explicativas” que, na época, não apresentava a fala das personagens, ela fazia o papel de um narrador contando o que estava sendo dito. David Wark Griffith, um dos grandes nomes do cinema nas décadas de 1910 e 1920, preferia utilizar as legendas explicativas, pois não era preciso interromper a cena para inserir os diálogos (Marleau, 1982).

As legendas, então, passam a ser um elemento importante nas produções dos filmes mudos e Roman Jakobson em seu livro *Lingüística. Poética. Cinema.* (2004), ao abordar o assunto diz que: “As legendas do cinema mudo eram um meio importante da montagem, freqüentemente serviam de ligação entre os enquadramentos.”¹. Nessa afirmação, Jakobson referia-se às legendas de diálogos (intertextos) e não às legendas explicativas.

¹ Tradução de Francisco Achcar

2.1.2 Legendagem: os primeiros estudos

Apesar de o cinema ter alcançado um lugar de destaque nos estudos acadêmicos desde o seu início, os estudos sobre como essa arte era traduzida demorou um pouco mais para atrair a atenção dos pesquisadores.

Díaz-Cintas (2009) afirma que o primeiro estudo, embora tímido, a respeito da Tradução Audiovisual – AVT – data de 1957 e foi realizado por S. Laks. Esse trabalho abordava aspectos da tradução por legendas sob o ponto de vista do tradutor. Relata, ainda, que nas décadas de 1960 e 1970 pouco foi escrito sobre a área, e os escassos trabalhos existentes essencialmente abordavam as diferenças entre legendagem e dublagem.

Ao entrarmos na década de 1980, Díaz Cintas cita o trabalho de Marleau (1982) como oferecendo uma descrição um pouco mais aprofundada sobre a legendagem.

Marleau aborda em seu artigo todo o universo da tradução de legendas, começando por identificar que o filme possui três formas diferentes de linguagem²: a linguagem sonora (o diálogo original), a linguagem figurativa (o sistema não verbal, o material paraverbal e a linguagem corporal) e a linguagem na forma visual (também um sistema não verbal, porém leva em consideração a

² Do francês: *Le langage sous la forme sonore; Le langage figuratif; Le langage sous as forme visuelle* .(Marleau, 1982, p. 273.)

fotografia e os demais elementos de uma produção cinematográfica que não se relaciona às personagens).

A partir dessa divisão, passamos a considerar o objeto de trabalho do tradutor de legendas como um material com características intersemióticas (Jakobson, 1991, pp. 64-65), visto que as escolhas do tradutor durante o processo são norteadas pelas análises das falas em conjunto com a imagem apresentada, já que a linguagem corporal das personagens pode carregar ironia, alegria, tristeza, entre outros sentimentos, que nem sempre estão claros apenas nas palavras, levando ao tradutor escolher uma palavra em detrimento de outra exatamente por causa do impacto da imagem.

Além disso, quando consideramos o processo de comunicação, Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a parte mais importante concentra-se, no material paraverbal, ou seja, na entonação, nas pausas, na forma de pronunciar as palavras e na característica da voz. Logo, qualquer forma de tradução audiovisual deve considerar a totalidade do processo de comunicação dentro de um filme, sendo sempre necessário analisar as falas das personagens como um todo, a fotografia e até mesmo a trilha sonora.

Em seu trabalho, Marleau (1982) analisa o processo linguístico das legendas dividindo-o em seis funções:

- a) Função de substituição – o texto escrito traduzido tem a função de substituir a fala do original;

- b) Função de comunicação – a legenda tem o papel de facilitar que a mensagem do emissor seja recebida pelo receptor;
- c) Função emotiva – a legenda deve proporcionar ao receptor as mesmas emoções que o diálogo do filme proporciona àqueles que entendem o idioma original;
- d) Função de ancoragem – as palavras explicam o significado da imagem porque ela é polissêmica;
- e) Função de transmissão – transmitem informações que não estão inseridas nas imagens;
- f) Função de redundância – em muitos momentos, a legenda e a imagem dizem a mesma coisa.³

Mais adiante em seu artigo, Marleau aborda os tipos de problemas que a tradução de legendas pode gerar e ele os divide da seguinte forma: "a) problemas técnicos; b) problemas artísticos e estéticos; c) problemas fisiológicos; d) problemas psicológicos; e) problemas linguísticos."

Essa abordagem é bastante ampla e, para efeito neste trabalho, será apresentado aqui um resumo dos problemas destacados:

- Problemas técnicos: a) a necessidade de ler as legendas e, ao mesmo tempo, assistir ao filme; b) parte da tela fica obstruída pelo texto; c) a restrição à quantidade de caracteres por motivo de espaço físico na tela.
- Problemas fisiológicos: a) o tempo de exibição da legenda não é ditado pela velocidade de leitura do telespectador, mas pelo tempo de

³ Do francês: a) *Fonction de remplacement*; b) *Fonction de communication*; c) *Fonction émotive*; d) *Fonction d'ancrage*; e) *Fonction de relais*; f) *Fonction de redondance* (Marleau, 1982, p. 274)

duração da fala; b) a duração máxima de uma legenda no ar é de 6 segundos, que é considerado como o tempo máximo que o olho humano consegue ficar fixo em um mesmo ponto; c) a mudança de legendas, por causa da sua luminosidade, provoca um choque visual e considerando que um longa-metragem tem em média 900 legendas, a entrada e saída das legendas faz com que o telespectador sofra 1.800 choques visuais por filme.

- Problemas psicológicos: a) é necessário um grande esforço do espectador para articular o som em um idioma e a leitura de um texto em outro; b) esse esforço pode comprometer a compreensão, o envolvimento e até a empatia com as personagens do filme; c) o tempo de leitura é sempre maior que o tempo necessário para a audição.
- Problemas artísticos e estéticos: a) a arte de transpor um diálogo falado em legendas consiste em exprimir o máximo de informação com o máximo de naturalidade; b) como é necessário mais tempo para ler aquilo que é ouvido, o texto deve ser resumido; c) o resumo da fala pode comprometer a qualidade artística da obra; d) a tradução pode apresentar erros.
- Problemas linguísticos: a) o tradutor deve apresentar frases curtas que devem se encaixar no tempo de leitura que não pode exceder a 6 segundos; b) aspectos culturais podem ser difíceis de serem traduzidos e

resumidos; c) a legenda acaba apresentando apenas um resumo do que é dito, não sendo, portanto, uma tradução completa do original; d) muitas vezes é necessário apresentar as falas de mais de uma personagem dentro de uma mesma legenda.

Podemos dizer que apesar de o artigo de Marleau ser considerado apenas introdutório nos estudos da legendagem, as pesquisas realizadas mostram que ele abordou os principais aspectos referentes a essa prática de tradução audiovisual. Cabe a propósito destacar que os trabalhos que sucederam esse artigo de Marleau raramente levam em consideração todos os aspectos mencionados por ele, esses trabalhos normalmente priorizam análises muito específicas do processo da legendagem e não uma abordagem mais ampla capaz de permitir uma visão global do processo.

2.1.3 A Legendagem na década de 1990

Após os primeiros estudos na área, a década de 1990, muito provavelmente pelo surgimento e pela ampla aceitação dos canais de televisão pagos em todos os países, fez com que os pesquisadores da área da tradução passassem a olhar mais atentamente para essa prática, uma vez que o volume de material traduzido em legendas aumentou muito e, temos, então, uma década bastante produtiva do ponto de vista acadêmico, com trabalhos sendo publicados em todo o mundo.

Para este estudo, trataremos em maior detalhes três importantes trabalhos que contribuíram para delimitar e orientar a prática de legendagem como um todo: os trabalhos de Jan Ivarsson e Mary Carroll, o de Henrik Gottlieb e o de Fotios Karamitroglou. fazendo com que atualmente, muitos dos canais de televisão por assinatura da Europa sigam grande parte dos aspectos abordados nesses três artigos.

Podemos dizer que um dos mais importantes trabalhos da década não vem da academia. É o *Code of Good Subtitling Practices* (1992) de Jan Ivarsson, da *Sveriges Television AB* e de Mary Carroll, da *Titelbild Untertitel und Graphik GmbH* de Berlin.

Esse trabalho consiste em uma lista contendo 25 itens abordando a prática da tradução de legenda e outros 7 itens referentes ao aspecto técnico da legendagem. Ele foi desenvolvido visando uniformizar a prática de legendagem utilizada na época pelo canal sueco. E, por seu ineditismo, é considerado pela European Association for Studies in Screen Translation – ESIST - como a primeira tentativa de definir o processo de legendagem.

Dentre os itens abordados por Ivarsson e Carroll destacamos os seguintes:

- A qualidade da tradução deve levar em consideração todas as nuances culturais e idiomáticas.
- Devem ser usadas unidades semânticas claras.
- Onde for necessário resumir o diálogo, o resultado deve ser coerente.

- O texto das legendas deve ser distribuído linha a linha, página a página em blocos de sentido e/ou em unidades gramaticais.
- Na medida do possível, cada legenda deve ser semanticamente completa.
- O registro da língua deve ser apropriado e deve corresponder com a palavra falada.
- A linguagem deve ser (gramaticalmente) "correta", visto que as legendas servem como um modelo para o letramento.
- Todas as informações escritas importantes nas imagens (sinais, observações, etc.) devem ser traduzidas e incorporadas sempre que possível.
- As músicas devem ser legendadas quando forem relevantes.
- A repetição óbvia de nomes e frases de fácil compreensão não necessitam ser legendadas o tempo todo.
- A distribuição da linguagem dentro das legendas e de uma legenda para outra deve considerar os cortes e os intervalos de áudio; as legendas devem destacar a surpresa ou o suspense e de forma alguma eliminá-los.
- A duração de todas as legendas dentro de uma produção deve estar de acordo com o ritmo de leitura do telespectador médio.
- Nenhuma legenda deve ficar menos de um segundo, exceto nas músicas, nem ficar na tela mais de sete segundos.
- O número de linhas de qualquer legenda deve ser limitado a duas. Deve haver uma relação direta entre o diálogo do filme e o conteúdo da legenda, e a língua fonte e a língua alvo devem estar sincronizadas na medida do possível.

Nos trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico, Henrik Gottlieb (1994) desenha uma análise teórica do processo de legendagem ao denominar a prática como uma tradução diagonal. Segundo ele, uma teoria possível de abraçar a legendagem teria de ser criada a partir de duas teorias, a da tradução literária e a da interpretação. Na tradução literária, observa-se um conjunto de processos que levam a tradução de um texto escrito na língua fonte (LF) para um texto também escrito na língua alvo (LA), com toda uma carga polissêmica e semântica que é peculiar aos textos literários e que também é encontrada nos diálogos dos filmes.

Já na teoria da interpretação, a importância seria referente às formas de traduzir a fala, com todas as suas características específicas, com suas marcas de oralidade e com a distância existente entre a norma culta escrita e a fala. Considerando também que no caso da interpretação temos a tradução da LF falada para a LA também falada.

Nesses dois casos, Gottlieb considera que as traduções são horizontais, por não alterarem a forma final de apresentação da tradução. No caso da legendagem, o texto da LF é oral e o texto da LA é escrito. Logo, teriam de ser considerados aspectos da tradução escrita e aspectos da tradução da oralidade.

Como demonstração do que seria uma tradução diagonal, Gottlieb apresenta o seguinte quadro:

Quadro 1 - Legendagem: Tradução Diagonal – Gottlieb (1994)

Essa apresentação pode auxiliar na análise do processo, visto que a complexidade envolvida é superior àquela necessária para a tradução literária e para a interpretação.

Ainda no âmbito das pesquisas realizadas na área na década de 1990, temos o trabalho de Fotios Karamitroglou (1997) sob o título *A proposed set of subtitling standard in Europe*, no qual descreve os aspectos técnicos e linguísticos já abordados por Ivarsson (1992), mas apresenta esses aspectos de forma mais aprofundada e voltados especificamente para a legendagem na televisão.

A seguir será apresentado um resumo dos principais tópicos abordados nesse estudo. São eles:

1. Objetivo Geral: a prática geral da produção e do layout das legendas para TV deve ser realizada visando oferecer o máximo de apreciação e compreensão do filme alvo como um todo, ao maximizar a clareza para a leitura do texto inserido em legenda.

2. A questão dos Parâmetros Espaciais:

- **Posição na tela:** parte inferior;
- **Número de linhas:** máximo de duas;

- **Posicionamento do texto:** centralizado ou à esquerda quando apresentar diálogo de duas personagens na mesma legenda;
- **Número de caracteres por linha:** entre 35 e 40;
- **Fonte:** helvética ou arial;
- **Cor da fonte e do fundo de legenda:** fonte em branco não brilhante e caso seja preciso um fundo de legenda em cinza.

3. Parâmetros de Tempo e de Duração: O tempo de exibição de uma legenda deve considerar o tempo de leitura de telespectadores com um nível de instrução médio que é de 150-180 palavras por minuto, ou seja, entre 2 a 3 palavras por segundo. Sendo que uma legenda de duas linhas cheias deve ficar na tela por 6 segundos. E para legendas de programas infantis, a velocidade de leitura deve ser reduzida a cerca de 90-120 palavras por minuto.

- **Duração de uma legenda com apenas uma linha:** cerca de 3 ½ segundos;
- **Duração mínima de uma legenda com uma única palavra:** 1 ½ segundo;

- **Entrada da legenda:** a legenda deve entrar em exibição cerca de $\frac{1}{4}$ de segundo após o início da fala;
- **Saída da legenda:** as legendas não devem ficar em exibição por mais de 2 segundos após o término da fala;
- **Intervalo entre duas legendas consecutivas:** o intervalo entre duas legendas deve ser de pelo menos $\frac{1}{4}$ de segundo;
- **Diálogos ou pausas na fala:** nesses casos deve-se colocar a fala da primeira personagem na primeira linha da legenda e a da segunda, na segunda linha. Quando houver uma pausa em um monólogo, deve-se inserir a fala após a pausa na outra linha da legenda;
- **Cortes de câmera:** as legendas devem respeitar os cortes de câmera.

4. Pontuação

- **Três pontos:** uma sequência de três pontos (reticências) deve ser usada quando a fala não for concluída na legenda, continuando assim na próxima legenda;

- **Pontos de ligação:** três pontos devem ser usados quando a legenda for continuação da fala da legenda anterior que foi finalizada com três pontos;
- **Demais pontuações:** devem ser utilizadas segundo necessidade sempre de acordo com regras gramaticais;
- **Itálico:** utilizado para indicar que a fala vem de alguém não presente na cena. Também é utilizado para textos em outro idioma;
- **Aspas:** devem ser usadas também para indicar que a fala vem de alguém não presente na cena e no caso de voz filtrada vindo de rádio, televisão ou telefone;
- **Caixa alta e baixa:** o texto deve ser escrito considerando as regras de caixa alta e baixa. E quando o texto for referente à placas (texto escrito em exibição no filme) esse texto deve ser grafado todo em caixa alta.

5. Edição do texto alvo

- **Legenda de uma ou duas linhas:** é melhor apresentar uma legenda de duas linhas que apenas uma longa linha. Isso facilita a leitura;

- **Segmentação:** o texto da legenda deve ser apresentado de forma que as unidades sintáticas sejam respeitadas sempre que possível;
- **Omissão de itens do original:** o que deve ou não ser traduzido depende da importância da informação para a compreensão, tentando manter-se o mais próximo possível do original. Sendo que as categorias mais omitidas são: Expressões fáticas, respostas curtas como sim, não, obrigado, etc;
- **Alteração da estrutura sintática:** estruturas sintáticas mais simples tendem a ser mais curtas e mais fáceis de serem compreendidas que estruturas mais complexas. Exemplos: construções na voz ativa em vez da passiva. Expressões positivas em vez de negativas;
- **Dialetos:** apenas os dialetos que sejam reconhecidos por já terem aparecido na forma escrita devem ser utilizados;
- **Palavras de baixo calão:** não devem ser excluídas a menos que a sua repetição prejudique a elaboração da legenda;

- **Elementos especificamente culturais:** eles podem ser transferidos, transpostos, transpostos com uma explicação, neutralizados (simplificando-os), ou omitidos.

Como foi possível observar, o trabalho de Karamitroglou (1997) aborda o processo de legendagem de uma forma muito mais detalhada, destacando aspectos bem específicos para a elaboração das legendas. E, embora não tenha sido possível localizar estudos no Brasil que vinculassem o padrão da legendagem brasileira atual com o trabalho de Karamitroglou, a minha prática na área leva-me a considerar que muito do que é abordado por esse autor é seguido no Brasil.

Entretanto, é necessário fazer uma observação a respeito do item que aborda os Parâmetros de Tempo e de Duração, pois o autor observa que um leitor médio tem a capacidade de ler cerca de 2 a 3 palavras por segundo. Porém, esse tipo de análise por palavra pode gerar muito conflito dependendo do idioma da legenda. É preciso lembrar que a proposta de Karamitroglou é um padrão para ser utilizado em toda a Europa, onde temos idiomas muito diferentes, como por exemplo o alemão que contém palavras com um grande número de caracteres se comparados ao espanhol. Isso para citar apenas dois dos idiomas europeus.

A minha experiência na área, inclusive atuando para empresas na Europa, é que normalmente considera-se o número de caracteres e não o

número de palavras e, geralmente, define-se em 14 caracteres por segundo para um leitor médio.

Ainda em 1997, também vale mencionar a tese de Jorge Diaz-Cintas, na qual ele analisa a prática de legendagem considerando a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1978). Esse trabalho obteve um grande destaque internacional e motivou vários estudos com relação ao processo de tradução.

2.1.4 O Novo Século na Legendagem

O novo século chega com a prática de tradução para legendas muito mais fundamentada e com um enorme volume de trabalhos, pesquisas e eventos realizados para divulgá-la.

Dentre os pontos de maior importância, cabe mencionar a criação do ESIST – European Association for Studies in Screen Translation – que tem como objetivo compreender os conceitos envolvidos nas práticas da tradução audiovisual. Apesar de a associação não tratar exclusivamente da legendagem, esta tem um lugar de destaque nos estudos desenvolvidos.

Outro ponto que vale a pena ser mencionado é o crescente número de eventos, simpósios e congressos voltados exclusivamente para a Tradução Audiovisual, entre eles, o *Media for All*, um congresso internacional que tem se destacado pelos trabalhos apresentados e que novamente tem a legendagem como um dos temas mais importantes. Esse congresso bianual teve sua quarta edição em junho/julho de 2011 em Londres no Imperial College e o comitê

organizador contou com pesquisadores da Alemanha, Inglaterra, Espanha, Portugal e Bélgica. Os participantes vieram de várias partes do mundo, fato que mostra o interesse que esse evento tem despertado.

Como os trabalhos apresentados a partir do ano 2000 têm aumentado muito, é importante destacar que os estudos se desenvolvem cada vez mais em pontos bem específicos, faltando ainda um estudo que aborde a prática de legendagem de uma forma mais ampla.

2.2 Teoria do Skopos

Na tradução para legendas temos um processo muito específico, visto que devido às restrições apresentadas pela técnica e pelos contratantes e exibidores não podemos considerar grande parte das teorias voltadas exclusivamente para a tradução de textos cuja língua fonte e a língua alvo são ambas escritas ou faladas.

Sendo assim, na tentativa de buscar uma teoria que pudesse justificar muitas das práticas que o tradutor de legendas faz no seu ato tradutório, caberia buscar uma teoria que fundamente a tradução de uma forma mais ampla, analisando o papel que o texto traduzido desempenha em comparação com o seu original.

Nessa busca, a teoria do *Skopos*, apresentada por Vermeer, em alemão em 1986 e que teve sua tradução para a língua inglesa publicada em 2000 por

Lawrence Venuti em *Translation Studies Reader*, talvez possa apresentar alguns parâmetros adequados à prática da legendagem.

Essa teoria tem como princípio a questão do objetivo (*skopos* em alemão) da tradução e, segundo Vermeer, "pode ser aplicado de três modos. Ele pode se referir ao processo da tradução, ao resultado da tradução e ao modo de traduzir".

Considerando esses três modos sob a perspectiva da prática tradução da legenda podemos dizer que:

- a) Processo: o objetivo da tradução para legendas é apresentar uma tradução para o texto de uma produção cinematográfica;
- b) Resultado: a função é permitir que falantes de outro idioma entrem em contato e compreendam produções fílmicas de outros países;
- c) Modo: a tradução apresentada sob a forma de um texto escrito, sem interferir no áudio no idioma original.

Vermeer (2000) também afirma que "um objetivo, uma função ou uma intenção restringiria as possibilidades da tradução e, em consequência, limitaria a amplitude da interpretação do texto alvo em comparação com o texto fonte." Considerando a afirmação acima, na prática de legendagem as limitações

existentes fazem com que caso seja feita uma *back translation*, o resultado seria um texto completamente diferente do original.⁴

Em seguida, quando pensamos na tradução para legendas, e uma vez compreendida a mensagem transmitida oralmente e dentro das características de registro linguístico da personagem, um dos processos mais complexos para o tradutor é, produzir um texto escrito em que a mensagem do original esteja na sua íntegra no texto da legenda. Nesse sentido, Vermeer afirma:

o uso da linguagem em um texto na LF é investigado a fim de deixar claro, em detalhes, primeiramente, quais meios linguísticos são utilizados para promover específicas funções comunicativas, e em segundo lugar, como o texto é construído.

Logo, para que a mensagem do original seja bem transferida de um idioma para outro e da oralidade para a escrita, os detalhes linguísticos como a semântica, a sintaxe e a pragmática devem ser analisados e considerados.

Para realizar essa análise, dentro de cada uma das etapas, trabalhamos com as palavras utilizadas, os sintagmas, as frases e as sentenças e tentamos reproduzir na legenda a mesma estrutura utilizada no original, mesmo considerando a mudança do canal, ou seja, do falado para o escrito.

Ao analisarmos o processo de legendagem vemos que utiliza-se unidades de sentido para elaborar a legenda, sendo que uma linha de legenda, sempre que possível, deve conter uma unidade de sentido completa e a boa

⁴ Para o conjunto de limitações, vide Ivarsson e Carroll (1992), Henrik Gottlieb (1994) e Fotios Karamitroglou (1997) em *A Legendagem na década de 1990*.

prática sugere evitar quebrar essa unidade de sentido em duas legendas, de modo a dificultar a compreensão da leitura, reduzindo o prazer de assistir ao filme e provocando a perda do interesse do telespectador por não conseguir compreender rapidamente o texto apresentado.

As condições de fixação e de recepção de uma legenda fazem com que o processo de tradução seja realizado de uma forma diferente daquele da prosa, quando teríamos um texto evidentemente muito mais próximo do original, mas que não seria possível ser lido durante o tempo que dura a fala.

É preciso sempre lembrar que uma legenda é construída levando-se em consideração o tempo de duração da fala versus o tempo de leitura do telespectador e como já foi visto, define-se que um leitor médio tem a capacidade de ler 14 caracteres por segundo. Apesar de sabermos que, no Brasil, o nosso leitor com o ensino médio completo, dificilmente teria essa capacidade de leitura.

Portanto, se a função de uma legenda é "substituir a fala do original", "facilitar que a mensagem do emissor seja recebida pelo receptor" e "proporcionar ao receptor as mesmas emoções que o diálogo do filme proporciona àqueles que entendem o idioma original" (Marleau, 1982), o tradutor deve se curvar às restrições técnicas para cumprir o seu papel.

2.3 As Modalidades da Tradução

Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet (1958) em um artigo chamado "Stylistique comparée du français e de l'anglais" também publicado em inglês em *Translation Studies Reader* de Venuti (2000) apresentam uma lista de sete itens nos quais é possível analisar o processo tradutório. Essa lista foi revista e ampliada por Francis Henrik Aubert (1984, e 1998 e 2006) e esses trabalhos servem como base bem fundamentada para desenvolver uma análise de como se desenvolve o processo da tradução.

Dentre os itens abordados por esses pesquisadores e considerando o processo da tradução da legenda, podemos afirmar que dois deles desempenham um papel fundamental na legendagem, visto que são imprescindíveis para a construção de uma legenda.

O primeiro deles é a Modulação, que "é uma variação da forma da mensagem, obtida por uma mudança no ponto de vista. Essa mudança pode ser justificada quando uma tradução embora correta é considerada inapropriada na LA". (Vinay e Darbelnet 1958).

Partindo dessa definição e considerando a prática de legendagem, podemos dizer que quando um tradutor, para (i) resolver problemas linguísticos e culturais, (ii) reduzir o número de caracteres de uma legenda, ou (iii) produzir um texto cuja a compreensão seja mais fácil e rápida, transforma, por exemplo, uma frase negativa em afirmativa, ou quando há uma interpretação da

mensagem do original substituindo muitas vezes quase todas as palavras na LF, porém transmitindo a mesma mensagem, ou ainda quando uma oração na voz passiva é traduzida usando-se a voz ativa está-se fazendo uma modulação.

Alternativamente: Em certo sentido, sem a modulação não seria viável empreender a legendagem, pois essa técnica se mostra essencial nos processos de reestruturação da mensagem, em situações claramente restritivas como é o caso da legenda fílmica.

O segundo item, dessa vez abordado por Aubert (1984) é a Omissão. E segundo ele a "Omissão ocorre quando um determinado segmento do texto da LF e a informação contida nele não podem ser localizados na LA. (...) As omissões podem ocorrer por diversos motivos, desde censura até limitações físicas."

Considerando esse aspecto, o tradutor de legenda frequentemente é obrigado, tanto por limitações no número máximo de caracteres da legenda, como por imposição dos contratantes ou dos exibidores, no caso de palavrões ou linguagens consideradas ofensivas, a excluir trechos das falas dos filmes.

Essas exclusões, quando não são referentes a palavras chulas, ocorrem normalmente com as repetições de nomes de personagens, repetições de expressões, cumprimentos e também quando o tradutor é obrigado por causa de uma fala muito rápida, excluir informações que não são consideradas de extrema importância para o entendimento do filme.

Com relação às palavras ofensivas, é de conhecimento geral que até recentemente, podemos dizer, até 2010, as palavras e as estruturas linguísticas mais ofensivas nunca faziam parte das legendas e sempre eram substituídas por palavras mais leves do ponto de vista semântico. Isso faz com que além de não ter a tradução "fiel" ao original, fato que geralmente é visto pelos leigos como um ponto negativo da legendagem, também há uma descaracterização da personagem, já que ao alterar o peso do discurso, altera também a leitura que o telespectador faz das personagens.

A censura imposta por vários canais de TV paga é justificada dizendo que ler uma palavra chula é mais ofensivo que ouvir a mesma e, por isso, preservam o telespectador de se sentirem ofendidos. Mas é difícil entender essa restrição já que o original apresenta esse grau de linguagem e um número considerável de telespectadores brasileiros reconhece o termo chulo na língua original.

Enfim, podemos afirmar que o processo de legendagem deve levar em consideração a função que as legendas desempenham (Vermeer, 2000) e para que essa função seja plenamente realizada é imprescindível a utilização da modulação (Vinay e Darbelnet, 1958) e da omissão (Aubert, 1984).

2.4 Legendagem e Adaptação

Já vimos que a legendagem faz parte dos estudos da tradução, isso não é mais questionado, mas será que o termo adaptação pode ser utilizado juntamente com a tradução para legendas?

Em primeiro lugar, é preciso ter uma visão clara sobre as diferenças entre a tradução e a adaptação. Lauro Maia Amorim em seu livro *Tradução e adaptação* (2005) aborda vários aspectos para categorizar essas duas áreas. Amorim citando Basnnett diz que:

muito tempo e muita tinta têm sido gastos nas tentativas de se diferenciarem traduções, versões e adaptações e de se estabelecer uma hierarquia, com base na noção de "exatidão", entre essas categorias (Basnnett-McGuire, 1980, p.78-9).

O autor complementa apresentando uma definição de adaptação dizendo que na visão da autora:

adaptar significa “transgredir” limites do que se considerar aceitável como “tradução” e traduzir significa “manter-se” no interior desses limites.

Mas a quais limites Basnnett-McGuire (1980) e Amorim (2005) se referem? Amorim, fala da transgressão explicando que se a tradução de um romance apresentasse “a supressão de personagens, ou a redução de capítulos” ela estaria transgredindo os limites da tradução e que “uma reescritura como essa” seria considerada uma “adaptação”.

A ideia de “reescritura” citada por Amorim refere-se à definição de Basnnett-McGuire e Lefevere (1990, p.10) que é explicada “como algo que contribui para a construção da imagem de um escritor e/ou de uma obra literária”.

Ainda em Amorim (2005) temos a noção de que a adaptação está relacionada à agressão à “'integridade' dos textos originais e que, portanto, deveria ser considerada uma prática distinta da tradução.”

Ou seja, se considerarmos as ideias apresentadas por Amorim e por Basnnett-McGuire, podemos dizer que a tradução está mais próxima do original visto que ela não transgride os limites do original, pois não permite que capítulos ou personagens sejam suprimidas; ao passo que a adaptação permite, mesmo que o original esteja em outro idioma, que sejam feitas supressões da obra.

Uma vez definidos, mesmo que superficialmente, o que é tradução e o que é adaptação, passaremos agora para uma outra análise teórica que pode nos fundamentar no processo de tradução para legendas.

Podemos, então, retomar algumas considerações de Vermeer (2000) (vide p. 42 acima). O autor defende o ponto de vista de que toda tradução que tem um propósito, um objetivo, pode ser inserida na Teoria do *Skopos* e que um texto fonte é “composto originalmente para uma situação na cultura fonte”. Então, podemos dizer que o texto alvo deve ser composto para a mesma situação, porém, visando a cultura alvo.

Outro ponto destacado por Vermeer é que a tradução tem de ter a mesma função (*sic*) que o texto fonte, “mesmo que o processo de tradução não seja simplesmente uma 'transcodificação'”.

Por “transcodificação” entende-se a transposição lexical, gramatical e cultural de um idioma para outro, sem, entretanto, levar em consideração a convencionalidade da língua que visa não apenas realizar a transposição, mas analisar do ponto de vista do uso do idioma a aplicação dessa transposição fazendo as adequações necessárias para que a mensagem do original seja a mesma (*sic*) da tradução.

Após algumas considerações a respeito das críticas que a teoria do *skopos* recebeu, Vermeer diz que a funcionalidade da tradução sempre é o aspecto motivador para uma tradução, não importando se ela foi encomendada por alguém ou se o próprio tradutor resolveu realizar o trabalho. Com isso ele afirma que “a tradução sempre pressupõe um *skopos* e é dirigida por um *skopos*”.

Buscando aplicar essas considerações referentes à funcionalidade da tradução audiovisual e, neste caso específico, da legendagem, ao considerarmos que o processo de tradução de legendas faz com que um texto falado seja traduzido para um texto escrito, pode-se intuir um risco suplementar à “fidelidade” ao original, por conta da mudança de canal. Entretanto, quando pensamos em legendagem, precisamos, em primeiro lugar, determinar o que seria fidelidade para uma legenda.

A fidelidade pode ser analisada do ponto de vista da forma e do conteúdo. No caso de uma legenda, temos de abrir mão da forma, visto que

saímos da fala para a escrita. Logo, a fidelidade à forma é desprezada. Ficamos então com a fidelidade ao conteúdo, que é o aspecto seguido pelo tradutor de legenda. E como proceder nesse caso? O conteúdo de uma produção cinematográfica apresenta alguns aspectos diferentes se compararmos a uma tradução literária. O conteúdo de um filme é uma tríade formada pelas personagens, com as falas e as linguagens corporais; temos as imagens que determinam muitas vezes as falas e o movimento das personagens e temos os aspectos sonoros, trilha sonora e sons incidentais. Logo, é impossível fazer uma tradução de legenda sem considerar esses três pontos.

O tradutor de legendas obrigatoriamente analisa o que é dito, como é dito e a imagem e sons que são reproduzidos. Além disso, também é preciso sempre contextualizar o tipo de produção, por exemplo, uma comédia exigirá do tradutor uma leitura diferente daquela feita de um drama, de um filme de ação e etc. Então, a atenção do produto filme como um todo é essencial para que o tradutor consiga fazer uma “reescritura” das falas.

A legendagem é com efeito uma reescritura, pois o texto falado da língua fonte é reescrito na forma escrita na língua alvo. Porém, não devemos considerar essa reescritura como uma adaptação, pois, conforme vimos nas definições de Amorim e Basnnett-McGuire, a legendagem não permite que personagens ou capítulos sejam excluídos. Vale lembrar que as legendas sempre são apresentadas com o áudio original, fazendo com que a comparação

com a fala seja muito fácil, já que utilizamos dois sentidos distintos para realizar esse cotejamento. Ouvimos as falas e lemos as legendas.

Podemos também dizer que a manipulação do texto original que ocorre na legendagem deve-se às regras e normas do processo técnico da legenda e a liberdade do tradutor é comprometida por esse processo, ou seja, é uma tradução com restrições conforme mencionado anteriormente.

Outro ponto a considerar na legendagem é a ideia de “patronagem” apresentada por Lefévere (1992), visto que os exibidores dos filmes legendados delimitam e ditam as regras a respeito do tipo de texto que deve ser apresentado nas legendas. Podemos dizer que esse controle aplicado pelos exibidores também inibe o trabalho do tradutor. E ele deve adequar o texto das legendas não apenas à tradução do original, mas também é necessário considerar o que ele pode ou não escrever no texto da legenda.

Nesse processo de tradução vemos o tradutor de legendas premido por duas demandas aparentemente inconciliáveis. De um lado o texto original da produção cinematográfica, um texto que tem características da língua oral e que está disponível o tempo todo para o público, entretanto, o tradutor de legendas deve transferir o oral para o escrito. E a língua escrita deve seguir a norma culta, fazendo com que exista um distanciamento do original falado.

Do outro lado o exibidor que entrega ao tradutor manuais que descrevem claramente os limites linguísticos que devem ser seguidos na elaboração do

texto da legenda. Dessa forma, o exibidor cerca o tradutor tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical. O tradutor de legendas não pode traduzir o texto reproduzindo totalmente a oralidade na língua alvo, ele não deve usar palavras chulas, excesso de gírias, excesso de marcas de oralidade.

Segundo a análise nos parágrafos acima, a legendagem estaria mais próxima da tradução que da adaptação; entretanto, é inegável que o processo de manipulação do texto é bem maior que aquele visto em uma tradução literária, por exemplo, a mudança do registro do oral para o escrito, as normas e regras dos exibidores e as restrições técnicas do processo obrigam o tradutor a realizar transformações muito mais extensas.

Quanto à adaptação, prefiro considerar que ela visa um processo de manipulação do original muito mais profundo e se pensarmos em produções cinematográficas, seria melhor deixar o termo adaptação para o processo de transformar uma obra literária em um filme.

2.5 A qualidade na tradução para legendas

Quando pensamos na qualidade das legendas apresentadas pelos canais de televisão paga no Brasil, é necessário considerar que, até o momento, não há trabalhos que privilegiam uma análise de qualidade da legendagem como um todo. Esse fato deve-se a uma certa dificuldade, visto que para analisarmos a qualidade de uma tradução, sempre é necessário termos um padrão de referência para que essa análise possa ser realizada.

A qualidade da tradução pode ser analisada sob vários pontos de vista, mas para tentar localizar uma teoria capaz de dar conta da análise da qualidade de uma tradução de legenda, será necessário considerar dois grupos de teóricos que se preocupam com a tradução segundo Halliday (2001), ou seja, será necessário uma teoria com o ponto de vista linguístico, "como as coisas são, qual é a natureza do processo de tradução" [de legendas] "e a relação entre textos na tradução" e em seguida utilizarmos o ponto de vista do tradutor que considera a teoria da tradução "o estudo de como as coisas devem ser: o que constitui bom ou eficiente e o que pode ajudar a alcançar um produto melhor ou mais eficiente".

Em seguida teremos de considerar como a teoria da tradução de legendas aborda a questão da relação entre a oralidade e a escrita e tentar imaginar quais seriam os parâmetros possíveis de serem utilizados para conseguirmos desenvolver uma análise da qualidade de uma legenda.

Halliday (2001) aponta que "o que é esperado do tradutor é um texto que teria uma função equivalente ao original considerando o contexto da situação" e partindo para Reiss e Vermeer dentro da tradução comunicativa (1996), "a tradução não se limita a tratar de fenômenos linguísticos formais, visto que implica em um processo de transferência cultural".

Considerando, então, os dois aspectos aqui abordados: a função do original e o processo de transferência cultural. Contudo, é importante mencionar

que "na tradução comunicativa, o ideal seria que o leitor não lembrasse que está lendo uma tradução" (Cintrão, 2006). Entretanto, isso se torna impossível no caso da legenda, visto que o texto original, nesse caso o áudio, está presente o tempo todo, lembrando a cada troca de legenda que o texto lido é uma tradução.

Por outro lado, se considerarmos as abordagens funcionalistas, definidas por Baker & Saldanha (2009) como "a função ou o propósito do texto alvo conforme determinado pelas necessidades do cliente", e se pretendemos analisar a qualidade da tradução para legenda, é preciso levar em conta não só o contexto da situação (tradução de texto oral para texto escrito), o processo de transferência cultural (a legendagem enfrenta grandes dificuldades culturais visto que as produções são extremamente atuais e retratam o dia-a-dia de uma outra cultura) mas também as interferências "funcionais" que os exibidores impõem aos tradutores.

Em virtude do que foi dito acima, talvez devêssemos buscar a análise da qualidade de uma tradução para legenda priorizando uma abordagem pragmática-funcional, na qual os critérios analisados levariam em conta o formato da legenda, o tipo de texto e os critérios de tradução, além da função que a legenda desempenha. Visto isso, passamos agora a uma breve explanação sobre a Tradução Audiovisual.

Ao analisarmos como o tradutor de legendas desempenha sua função, é relevante citar Jakobson (1991) no que se refere à prática simultânea de dois tipos de tradução, a primeira interlingual (a tradução propriamente dita) e a segunda intralingual (partindo de um texto oral e transformando-o em um texto escrito), e o resultado de seu trabalho é um texto que perde as características da fala.

Na minha experiência profissional, pude observar que em todos os manuais de legendagem que recebi⁵, havia uma preocupação excessiva com a correção gramatical e isso fazia com que o tradutor fosse obrigado a ignorar as características da língua falada e passasse a privilegiar as características da norma culta escrita, resultando em uma legenda artificial ao compará-la com a fala da personagem que está sempre presente em uma produção legendada.

Portanto, seria extremamente útil para o profissional de legendagem se existisse um padrão único em que fosse possível identificar todas as características do texto das legendas, bem como os aspectos técnicos envolvidos nesse tipo de tradução.

Um dos pontos mais importantes da legendagem refere-se ao tamanho do texto apresentado. Vera Lúcia Santiago (2003) aponta que:

⁵ Manual de Legendagem HBO Brasil (utilizado para os canais HBO, Cinemax, Sony e Warner de 1996 a 2001), Manual de Estilo Superstation (BR), Undertext Guide for Subtitling (Suécia), Kitchen TV Subtitle Guide (EUA)

Como a legenda parte do texto oral para o escrito e a fala não necessariamente acompanha a escrita, uma vez que falamos sempre mais do que escrevemos, o volume de texto na versão legendada, além de ser mais reduzido do que na dublada, também é quase sempre menor que o texto original. (Santiago, 2003)

Outro ponto importante diz respeito às alterações que devem ser feitas visando a compreensão do texto e nesse ponto, voltamos às Modalidades da Tradução, com todas as modulações e omissões necessárias para a construção de uma legenda.

Além desses pontos, também é necessário mencionar o papel do tradutor de legendas no processo tradutório, pois as considerações acima interferem muito mais "no dia-a-dia do tradutor do que se pode supor, não tanto no plano da totalidade do texto, mas no plano microtextual, no momento de decidir como traduzir certas passagens textuais ou certas UTs." (Cintrão, 2006). Visto que ele deve traduzir um texto falado para um escrito, esse texto escrito deve estar sincronizado com a fala, sendo que o leitor desse texto deve utilizar exatamente o mesmo tempo da fala para ler o texto; além disso, o texto deve seguir normas e regras específicas que são fornecidas pelos exibidores e essas regras interferem diretamente na produção do texto, pois há proibições de uso de palavras, de estruturas gramaticais e a obrigatoriedade de seguir a norma culta.

Sendo assim, podemos dizer que uma boa base para desenvolvermos uma análise da qualidade da tradução de legendas e talvez para apresentarmos

um possível padrão de legendagem no Brasil, seria partir das críticas que o público faz, ou seja, que o texto da legenda é artificial que não tem todas as palavras do original e levantar as ideais do *skopos* para definir o que importa em uma tradução de legenda.

Entretanto, essa é uma longa discussão que apenas está no seu início. Tenho acompanhado algumas tentativas na Europa sobre esse tema de qualidade da tradução de legendas, mas até o momento, não foi encontrado nenhum modelo que possa ser seguido totalmente aqui no Brasil. É importante destacar também que a legendagem tem um peso cultural muito grande e que ela difere de um país para outro, então, talvez a ideia de desenvolver um padrão de análise de qualidade da tradução específico para o Brasil possa ser um ponto de partida para termos uma legendagem mais adequada ao seu consumidor final.

3 Metodologia

Este trabalho será desenvolvido a partir de dois corpora: 1) Corpus oral que se refere à transcrição das falas originais dos filmes e 2) Corpus Escrito que se refere às legendas em português que foram exibidas nos canais de assinatura escolhidos para essa coleta.

3.1 A Construção dos Corpora

A construção dos corpora teve início com a escolha dos canais que teria sua programação gravada. Essa escolha foi delimitada considerando canais de TV disponibilizados pela TVA e que apresentam longa metragens cujo idioma original seja inglês em mais de 70% da sua programação e, além disso, também foram escolhidos três canais que exibem tanto séries como longa metragens para termos uma amostra da legendagem nos dois tipos de produção.

Após essa delimitação, temos como resultado os seguintes canais de TV por assinatura: HBO (com os canais HBO e o HBO Plus), MAX (canais MAX, MAX Prime e MAX HD), Telecine (Telecine Cult, Telecine Touch), Fox, AXN, Sony e Warner.

A coleta dos filmes foi feita utilizando uma placa de captura de vídeo (Pinacle PCTV) a fim de obter arquivos eletrônicos que fossem possíveis de serem utilizados no programa de edição de legendas Subtitle Workshop. Esse programa apresenta os recursos necessários para a edição e para fazer a

marcação do tempo de entrada e saída das legendas, além de ter contador de caracteres e marcação do tempo de exibição de cada legenda.

A partir desses critérios, foram coletados títulos de cada grupo de canais citados acima, considerando produções de drama, suspense, ação, romance e comédia. Outro ponto considerado foi o dia e o horário de exibição dos filmes, coletando em todos os dias da semana e em horários diversos. É importante mencionar que alguns canais como: HBO, Telecine e Fox são grupos de canais e, sendo assim, os canais de cada um desses grupos estão representados no corpus. Na finalização da coleta, obtivemos o seguinte corpus de trabalho:

Canais	Título do Filme
AXN	Encontros e Desencontros
AXN	Encontrando Forrester
FOX	Erin Brockovich
FOX	Um dia Especial
HBO	Dez Coisas que Odeio em Você
HBO Plus	Um sonho de liberdade
MAX HD	O clube de leitura de Jane Austen
MAX	Filadélfia
MAX Prime	ShowBar
Telecine Cult	Sem saída
Telecine Touch	O som do coração
Sony	Seinfeld
Warner	Friends

Quadro 2 - Lista de Filmes

Após a coleta dos filmes, foram feitas as transcrições das falas dos filmes na íntegra e das legendas em português com o intuito de realizar as análises no Subtitle Workshop.

Sendo assim, temos como resultado dois arquivos para cada filme, ambos divididos em legendas, porém, o arquivo referente à transcrição das falas originais foi dividido em legendas considerando as legendas feitas em português, ou seja, para cada legenda em português, temos uma legenda em inglês.

A transcrição do texto do original em legendas foi realizada a fim de permitir a análise comparativa entre original e tradução, sendo possível com isso verificar alguns dos critérios da pesquisa, como a omissão e a modulação, visto que o cotejamento direto torna mais evidentes esses dois critérios.

Ao final das transcrições obtivemos os seguintes resultados com relação ao tamanho total dos *corpora*:

Total de filmes analisados: 13

Total de Legendas: 16.035

Total de Palavras no Original: 120.255

Total de Palavras nas Legendas: 94.004

Em seguida, foi preenchida uma ficha fílmica para cada filme que está dividida em quatro grupos como descritos abaixo:

A) Características do filme e da exibição

1. Código → identificação do tipo de filme: (S) para série, (L) para longa-metragem. Juntamente com o estilo: (Dr) para drama, (Aç) para ação, (Co) para comédia,
2. Título original;

3. Título traduzido;
4. Duração em minutos;
5. Ano de produção;
6. País de origem;
7. Canal exibidor;
8. Data e hora da exibição;

B) Características técnicas

9. Total de legendas;
10. Caracteres por linha → quantidade máxima de caracteres por cada linha de legenda;
11. Tempo de fala vs. número de caracteres → comparação entre o tempo de duração da fala e a quantidade de caracteres utilizados em cada legenda;
12. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela → análise do menor e do maior tempo em que as legendas ficaram exibidas para obter o limite mínimo e máximo de exibição de uma legenda;
13. Posição da legenda → identificar se as legendas são apresentadas centralizadas ou à esquerda da tela;
14. Sincronismo com a fala → a legenda fica exibida durante todo o tempo da fala?

C) Características textuais e tradutórias.

15. Total de palavras do original (contagem realizada utilizando MSWord)
16. Total de palavras das legendas (contagem realizada utilizando MSWord)
17. Omissões em nº de palavras → original versus legenda;
18. Registro do original → destacando se há predominância de registro formal ou coloquial;
19. Registro das legendas → destacando se há predominância de registro formal ou coloquial;
20. Modulação → total de legendas que apresentam modulações.
21. Uso de gírias → analisando a presença de gírias presentes no original e nas legendas;

- 22. Palavras chulas → analisando a presença de palavras chulas no original e a nas legendas;
- 23. Pontuação na finalização das legendas → tipo de pontuação utilizada com referência à exclamações, e ao uso de reticências, vírgulas ou sem marcação para finalizar uma legenda que terá continuidade na legenda seguinte.
- 24. Itálico → identificação para o uso de itálico para as falas filtradas, palavras estrangeiras, títulos de filmes e de livros.
- 25. Caixa-alta → uso de caixa alta para identificar textos que aparecem escritos na tela e que são legendados.
- 26. Blocos de sentido → quebra de legendas observando os blocos de sentido da fala.
- 27. Diálogos → identificação dos diálogos em uma mesma legenda com o uso de travessões.
- 28. Legendagem de músicas → o filme apresenta as músicas legendadas.

D) Observações sobre a legendagem do filme

Observações a respeito da legendagem do filme considerando aspectos técnicos e linguísticos, com destaque para os itens que mais causam polêmica entre os tradutores de legenda e os manuais entregues pelos exibidores e/ou laboratórios envolvidos na legendagem.

Todos esses itens serão descritos utilizando parte do modelo extraído da dissertação de mestrado de Lívia Rosa R. S. Barros (2006), com a inclusão dos itens referentes à pesquisa deste trabalho que já foram descritos por Ivarsson e Carroll (1992) e por Karamitroglou (1998).

Segue abaixo uma amostra da ficha fílmica:

A – Características do filme e da exibição			
1. Código:	2. Título Original	3. Título Traduzido	4. Duração em minutos
5. Ano de produção	6. País de origem	7. Canal exibidor	8. Data e hora da exibição
B. Características técnicas			
9. Total de legendas	10. Caracteres por linha (máximo)	11. Posição da Legenda () Centralizada () Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda)	
14. Sincronismo das legendas com a fala () sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original	16. Total de palavras nas legendas	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda)	
18. Registro do original () Formal () Coloquial		19. Registro das legendas () Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas:	21. Gírias (original vs. legenda) () original () legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) () original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas () Exclamações () Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico () Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta () sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido () sim () não	27. Diálogos () com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			

Quadro 3 - Ficha Fílmica

Após o preenchimento de todas as fichas fílmicas, que seguirão como Anexo, realizou-se uma análise para identificar qual seria o padrão mais usual de legendagem a fim de construir uma proposta de um padrão de legendagem para a televisão no Brasil assim como foi feito por Karamitroglou (1998) para a Europa.

No próximo capítulo apresentaremos os resultados dessa pesquisa com a descrição de cada parâmetro analisado.

4 Análise dos Dados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos com a pesquisa em questão. Esses dados serão divididos em dois grupos: 1) a análise das características técnicas da legendagem e 2) a análise das características textuais e tradutórias.

Antes de iniciar com os resultados da pesquisa item a item, cabem algumas observações a respeito do que foi encontrado de uma forma geral. O *corpus* foi composto por filmes de vários gêneros, e um dos pontos que pode ser observado é que não importa o gênero do filme para os padrões gerais de legendagem.

Outro ponto a ser destacado é que os aspectos técnicos da legendagem, analisados no item B da ficha fílmica, não identificam características comuns dentro de um mesmo exibidor, excetuando-se o subitem referente ao posicionamento das legendas.

Com relação ao item C da ficha, observa-se em alguns subitens que há um controle maior do exibidor, principalmente nos itens referentes ao uso de gírias, palavras chulas e o uso do travessão nos diálogos.

Passamos, portanto, para a descrição de cada um dos itens analisados.

4.1 Características Técnicas da Legendagem

A análise referente aos aspectos técnicos da legendagem foi realizada com o levantamento dos dados obtidos no item B da ficha fílmica e apresentou os seguintes resultados:

- **Total de legendas:** Um longa metragem, contendo por volta de 100 minutos, apresentou em média 1.200 legendas e esse índice foi encontrado em todos os exibidores, resultando em um padrão de 12 legendas por minuto.
- **Máximo de caracteres por linha:** O número máximo de caracteres por linha de legenda apresentou variação entres os exibidores e até mesmo dentro de um mesmo exibidor, obtendo-se o máximo de 35 caracteres. Esse fato demonstra uma falta de controle dos exibidores.
- **Posicionamento das legendas:** Com relação ao posicionamento das legendas na tela, temos um padrão utilizado por todos os canais. As legendas são apresentadas centralizadas na tela, com exceção dos diálogos, nos quais as legendas estão à esquerda.
- **Tempo de fala vs. número de caracteres:** Como já foi dito, uma legenda é feita considerando o tempo de fala versus o número de caracteres. Essa é a principal característica técnica do processo

de legendagem, visto que ela deve ser possível de ser lida durante o tempo de duração da fala. Entretanto, os números encontrados nessa análise revelam que em todos os filmes, o padrão descrito nos estudos raramente é considerado. Foi possível observar legendas com até 25 caracteres por segundo, sendo que em nenhum dos filmes, o índice de 14 caracteres por segundo no máximo foi seguido.

- **Tempo mínimo e máximo de permanência na tela:** Esse item apresenta um padrão seguido em todos os filmes analisados. Os resultados mostram que, em média, o tempo mínimo que uma legenda fica exibida é de 0,8 segundos e o tempo máximo não ultrapassa os 6 segundos.

Um outro ponto que foi observado nessa análise foi o tempo predominante e obtivemos dois índices independentemente do exibidor, o primeiro foi com filmes em que o tempo médio de legendas ficou entre 1 e 2 segundos e o segundo com tempo médio em 2 e 3 segundos. E nem todos os filmes apresentaram legendas com mais de 5 segundos.

Entretanto, é importante destacar que todos os filmes apresentaram legendas com menos de 0,6 segundos, embora esse fato não seja recorrente.

- **Sincronismo das legendas com a fala:** Com relação ao sincronismo das legendas, outro aspecto determinante da legendagem, observou-se um padrão de manter as legendas no ar respeitando o tempo de duração da fala. Entretanto, em um dos filmes analisados, esse padrão não foi seguido e um grande percentual de legendas saíram antes do término da fala.

4.2 Características Textuais e Tradutórias

As características textuais e tradutórias referem-se à compilação dos dados apresentados no item C da ficha fílmica.

- **Omissões:** A primeira comparação feita foi referente ao número total de palavras em cada um dos *corpora*, item C da ficha fílmica, sendo possível observar que a quantidade de omissões considerando as falas originais e as legendas têm uma variação bastante grande com o mínimo de 11% e o máximo de 34%. Lembrando que o critério para avaliar as omissões foi a não recuperação na tradução do trecho omitido.

Essas omissões ocorreram principalmente com relação a adjetivos, advérbios, expressões frásticas, nomes próprios, expressões chulas e muitas vezes frases inteiras foram excluídas.

Um ponto que chama a atenção é que as legendas de todos os canais apresentaram divergências quanto à omissão. Em um mesmo canal, um filme teve alto percentual de omissão e no outro esse fato não ocorreu. O que pode indicar que o processo de omissão está muito mais relacionado ao ato tradutório que às exigências dos contratantes. As omissões, portanto, demonstram características individuais dos tradutores durante o processo de legendagem.

- **Registro:** O segundo aspecto analisado diz respeito ao registro utilizado na tradução e, nesse caso, observamos grande influência do exibidor, uma vez que embora haja grandes variações no original, o mesmo não foi registrado nas legendas, já que a maioria absoluta das legendas foi composta de textos escritos segundo a norma culta escrita, com pequenos desvios, principalmente com relação à colocação pronominal, por exemplo, o uso do pronome oblíquo precedendo o verbo, característica muito comum na oralidade. Entretanto, também foi possível observar que alguns canais exigem o uso constante do pronome do caso reto, mesmo quando ele poderia ser omitido.

Com referência às modulações realizadas no processo tradutório, os números obtidos apresentam um padrão, visto que temos uma pequena variação entre os canais. Normalmente, a cada 100

legendas, os dados mostram que em média 10 legendas sofreram algum tipo de modulação. Seja por necessidades culturais, gramaticais ou semânticas. Ficando, portanto, caracterizado um padrão no processo tradutório para legendas, sem ter qualquer interferência do exibidor.

- **Gírias:** O uso de gírias nas legendas está totalmente relacionado ao original, não sendo observado um controle do exibidor.
- **Palavras chulas:** Quanto à presença de palavras e frases mais ofensivas ficou muito claro o controle do exibidor, já que apenas em um canal foi possível observar o uso nos filmes analisados. Nos demais canais, essas palavras e frases foram substituídas ou omitidas.
- **Pontuação:** Com relação à pontuação, foi observado que quando a exigência é gramatical, todos os canais seguem as normas, entretanto, na finalização das legendas, temos uma grande variação de uso.

Um dos pontos que costuma gerar muito conflito nos estudos descritivos de legendagem refere-se à situação de quando uma legenda não coincide com o término da oração, sendo necessário concluí-la na legenda seguinte. E nesse aspecto, a legendagem na TV brasileira também apresenta uma grande variação.

Foi possível identificar os seguintes procedimentos: a) finalização da legenda com reticências e início da próxima também com reticências e caixa baixa; b) finalização da legenda com reticências e início da próxima apenas com caixa baixa; c) finalização da legenda sem pontuação e início da próxima com caixa baixa; d) finalização da legenda com vírgula ou ponto e vírgula e início da próxima com caixa baixa.

- **Itálico:** O itálico foi utilizado na maioria dos filmes para identificar o *voice-over*, mas não observou-se um padrão nas palavras estrangeiras e nem em títulos de livros e filmes. E também houve divergências dentro de um mesmo canal, o que demonstra uma opção do tradutor e não uma exigência do exibidor.
- **Caixa alta:** Quanto ao uso da caixa alta para legendar textos que aparecem escritos na tela, houve um consenso, a maioria absoluta apresentou essa prática, configurando um padrão comum a todos os canais.
- **Blocos de sentido:** O item referente à edição de uma legenda respeitando os blocos/unidades de sentido apresentou grande variação entre os filmes analisados e foi possível observar que de forma geral há uma orientação com relação a esse aspecto, entretanto, quando há dificuldade na elaboração da legenda, o

tradutor abre mão da regra e quebra uma unidade de sentido em duas linhas ou até mesmo em duas legendas.

- **Diálogos:** Em todos os filmes analisados, constatou-se a utilização do hífen para identificar uma legenda que apresenta fala de duas personagens distintas, configurando um padrão que não foi quebrado nem uma única vez.
- **Legendagem de músicas:** A legendagem de músicas, embora de extrema importância em algumas produções, não apresentou um padrão, o que pode revelar uma opção do tradutor de fazer ou não essas legendas. E quando legendadas, o itálico não é sempre utilizado.

Considerando todos os aspectos analisados acima, pode-se verificar que não há um consenso com relação aos procedimentos textuais para as legendas nem mesmo dentro de um mesmo canal. Esse fato demonstra que a prática da tradução e da edição das legendas está muito mais nas mãos dos tradutores de forma individual que no controle dos exibidores.

4.3 Resultados

Com base nas análises demonstradas acima, apresentamos um quadro com o processo de legendagem da televisão por assinatura no Brasil com referência ao que foi exibido entre os anos de 2010 e 2011.

Características Técnicas da Legendagem

Total de Legendas	Considerando o número de legendas vs. o tempo de duração do filme temos uma média de 12 legendas por minuto de exibição.
Máximo de Caracteres por linha	O máximo de caracteres por linha foi de 35.
Posição da Legenda	As legendas são centralizadas quando representam monólogos e ficam à esquerda quando representam diálogos de duas personagens.
Tempo de fala vs número de caracteres	Não foi identificado um padrão para utilização de número de caracteres por segundo, ficando entre 32 e 35.
Tempo de permanência na tela	O tempo mínimo e o tempo máximo em que a legenda fica exibida ficou entre 0,8 e 6 segundos.
Sincronismo das legendas com as falas	As legendas são sincronizadas com as falas.

Quadro 4 - Características Técnicas da Legendagem

Características Textuais e Tradutórias

Omissões	Ocorreram principalmente com relação a adjetivos, advérbios, expressões frásticas, nomes próprios, expressões chulas e muitas vezes, frases inteiras foram excluídas e configuram características individuais dos tradutores durante o processo de legendagem.
Registro	Grande influência do exibidor. As legendas mantêm a norma culta escrita, com pequenos desvios referentes à colocação pronominal, por exemplo, o pronome oblíquo precedendo o verbo.
Modulações	Sem interferência do exibidor e configuram características do processo tradutório de legendagem.

Gírias	Está relacionado ao original, não sendo observado o controle do exibidor.
Palavras chulas	Sob o controle do exibidor, sendo que a maioria foi substituída ou omitida.
Pontuação	Quando a exigência é gramatical, a norma é seguida. Com relação à finalização da legenda sem a conclusão da oração, observou-se o uso de reticências no final da legenda e no início da próxima, a ausência de pontuação e o uso de vírgula. Nos dois últimos casos, a continuação da oração na legenda seguinte sempre foi grafada com caixa baixa.
Itálico	O itálico foi utilizado na maioria dos filmes para identificar o <i>voice-over</i> , mas não observou-se um padrão nas palavras estrangeiras e nem em títulos de uma forma geral.
Caixa alta	Utilizada para legendar textos que aparecem na tela.
Blocos de sentido	Apresenta um padrão, mas que é desconsiderado quando há necessidade.
Diálogos	A utilização do hífen é padrão em todos os canais para identificar uma legenda com falas de duas personagens.
Legendagem de músicas	Não apresentou um padrão. Há filmes com legendas em itálico e outros sem legendas.

Quadro 5 - Características Textuais e Tradutórias da Legendagem

5 Considerações Finais

Quando esse trabalho foi proposto, o objetivo era analisar e descrever como é feita a legendagem utilizada pelos canais de televisão por assinatura no Brasil e verificar se era possível identificar um padrão comum a todos. De minha parte, havia uma suposição de que o processo de tradução de legendas tinha uma grande influência dos exibidores e das empresas que fazem legendagem no Brasil.

Todavia, com o andamento da pesquisa, começou a ser delineado uma outra perspectiva, fato que me muito me surpreendeu, pois trabalhei como tradutora entre 1995 e 1998 dentro de um dos canais analisados e de 1999 a 2002 continuei prestando serviço ao mesmo canal como tradutora externa. Portanto, acompanhei muito de perto o processo de legendagem de um canal de televisão e todas as exigências que eram feitas com relação à qualidade final do trabalho que era exibido. Nesse canal, havia reuniões periódicas para discutir assuntos referentes à tradução e à parte técnica da legendagem.

Mas essa pesquisa revelou que embora os exibidores e contratantes tenham seus manuais e suas normas, o que já foi mencionado neste trabalho, o processo de legendagem recai principalmente na atuação do tradutor individual. Observou-se que o controle dos exibidores fica quase que restrito aos aspectos textuais e tradutórios, aqueles que fazem parte dos manuais de estilo e que regulam o uso de palavras ofensivas, do itálico, da pontuação, da caixa alta

para placas, do uso do hífen nas legendas de diálogos e de outros poucos aspectos textuais e gramaticais. Mas com relação ao processo técnico da legendagem, exatamente o que fará com que a legenda consiga desempenhar seu papel de permitir que pessoas que não dominam o idioma original tenham acesso a essas produções cinematográficas, não foi possível identificar padronização e nem controle.

Dentre todos os resultados obtidos, um, em especial, chama a atenção devido a sua importância no processo da legendagem que é o "tempo vs. o número de caracteres". Os teóricos mencionados neste trabalho, como Gottlieb, Karamitroglou, Diaz-Cintas, Gambier, sempre destacam esse ponto, pois uma legenda que não permanece no ar o tempo necessário para que seja lida, não desempenha a sua função. Os dados revelaram que não existe um padrão sequer dentro de um mesmo exibidor e esse fato leva-nos a pensar que estamos legendando para pessoas que têm o conhecimento do idioma original e não para a grande maioria dos brasileiros que é monolíngue.

Com essa constatação, a legendagem no Brasil desempenha uma função de nota de rodapé que o telespectador, com conhecimentos do idioma do filme, consulta quando não consegue acompanhar na totalidade o que está sendo dito. Entretanto, apesar de a legenda parecer-se a uma nota de rodapé, ela não tem um papel coadjuvante na exibição de um filme falado em outro idioma, a legenda carrega toda a história que está sendo exibida em seus movimentos de entrada e saída da tela.

Por outro lado, quando percebemos que o tradutor é o principal responsável por essa prática de tradução, tanto do ponto de vista tradutório quanto técnico, vemos que qualquer ação com o intuito de padronizar e melhorar a qualidade das legendas deverá ser feita visando principalmente a pessoa do tradutor e não apenas os exibidores e contratantes. Estes últimos, como demonstra o estudo, têm pouca ou nenhuma influência na qualidade final da legendagem. Talvez o único papel que eles desempenhem nesse processo seja o de contratação dos tradutores, mas, como foi demonstrado nesta pesquisa, não exercem um controle da qualidade dos trabalhos entregues por seus contratados.

Deparamo-nos, portanto, com dois pontos que podem ser trabalhados visando padrão e qualidade nas legendas para a televisão no Brasil. O primeiro refere-se à orientação e à formação de tradutores voltados para a legendagem e o incentivo a pesquisas na área para que possamos identificar cada vez mais quais são os pontos mais vulneráveis dessa prática de tradução. Nesse caso, os cursos de graduação e pós-graduação em tradução poderiam contribuir muito.

O segundo ponto tem relação com o controle de qualidade feito pelos exibidores e, pelo que pôde ser constatado, é provável que eles não tenham conhecimento dos pontos que geram uma maior perda de qualidade, afinal de contas, não são profissionais da área de tradução.

Portanto, para concluir, se houver mais estudos no Brasil com relação à legendagem e aos seus problemas, talvez possamos encaminhar esses estudos para os exibidores e contratantes a fim de que eles possam criar em suas empresas setores para avaliarem o produto final que recebem dos seus contratados.

Fica aqui, então, a sugestão de mais pesquisas e a divulgação dos resultados para que tenhamos legendas desempenhando a função para a qual foram criadas, que é permitir que uma produção cinematográfica de um país seja assistida por outro país, divulgando seus hábitos, costumes, sua cultura e, acima de tudo, divertindo e entretendo.

6 Referências Bibliográficas

- AMORIM, Lauro Maia. (2005) *Tradução e Adaptação – Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: UNESP
- ARAÚJO, V.L.S. (2003) Glossário Bilingue de Clichês para Legendação e Dublagem. *The ESPecialist*, vol. 23 – nº 2 – p. 139-154. São Paulo.
- AUBERT, F. H. (1984) “Descrição e quantificação de dados em tradutologia”. In *Tradução e Comunicação* 4. São Paulo, Álamô.
- _____. (1998). “Translation Modalities – A descriptive model for quantitative studies in Translatology.” *Romansk Forum*. 6. Oslo. Universidade de Oslo: 3-28.
- _____. (2006). Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. In *Literatura e Sociedade* nº 9. S. Paulo, DTLLC/FFLCH/USP.
- BAKER, M. & SALDANHA, G. (2009). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies 2nd edition*. Abingdon: Routledge
- BARTOLOMÉ, Ana I. Hernandez & CABRERA, Gustavo Mendiluce. (2004) Translating Images into words for Spanish Visually Impaired People. In: *Meta: journal des traducteurs*. vol.49. nº 2. 264-277. <http://id.erudit.org/iderudit/009350ar>
- BASNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London: Methuen, 1980.
- _____. & LEFEVERE, A.(1990). Introduction: Proust’s grandmother and the thousand and one nights. In: *Translation, history and culture*. London: Pinter Publisher.
- BERGAN, Ronald. (2007) *Guia Ilustrado Zahar – Cinema*. (tradução: Carolina Alfaro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- CINTRÃO, Heloísa Pezza. (2006). "Capítulo 5. Equivalência Funcional e desenvolvimento da CT" In: *Colocar Lupas, Transcriar Mapas: iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em níveis básicos de espanhol como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DIAZ CINTAS, J. (1997). *El subtitulado en tanto que modalidad de traducción fílmica dentro del marco teórico de los Estudios sobre Traducción*. Tese de Doutorado, Universitat de Valencia, Valência.
- _____. (2004). "Subtitling: the long journey to academic acknowledgement". In: *Jostran – Journal of Specialised Translation* – issue 1
- _____ & ANDERMAN, G. (2009). *Audiovisual Translation – Language Transfer on Screen*. Palgrave Macmillan. Hampshire.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. (1978/2004) The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem. In: VENUTI, L. *Translation Studies Reader*. London: Routledge.
- GAMBIER, Y. (1994) - (ed) . *Language transfer and audiovisual communication. A bibliography*. Turku: University of Turku, Centre for Translation and Interpreting.
- _____. (1996) – (ed.). *Les transferts linguistiques dans les médias audiovisuels*. Villeneuve d'Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion.
- _____. (2009) Challenges in Research on audiovisual translation. In: *Translation Research Projects 2*, eds. Anthony Pym and Alexander Perekrestenko, Tarragona: Intercultural Studies Group, p. 17-25.
- GOTTLIEB, H. (1994). "Subtitling: Diagonal Translation". In: *Perspectives: Studies in Translatology*. vol.2 – issue 1. Taylor & Francis Online.
- GOTTLIEB, H. (2000). *Screen Translation: eight studies in subtitling, dubbing and voice-over*. Copenhagen: Center for Translation Studies – University of Copenhagen.

- HALLIDAY, M.A.K. (2001) "Towards a theory of good translation" In: STEINER, E. YALLOP, C. *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content*. Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 13-18.
- IVARSSON, Jan & CARROLL, Mary. (1992) *Code of Good Subtitling Practices*. Disponível em: <http://www.esist.org/ESIST%20Subtitling%20code.htm> – Acesso em: 23/04/2010
- JAKOBSON, R. (1991). *Lingüística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J.P.Paes. São Paulo: Cultrix.
- _____. (2004). *Lingüística. Poética. Cinema*. (tradução: Francisco Achcar). São Paulo: Perspectiva.
- KARAMITROGLOU, F. (1997). "A proposed set of subtitling standard in Europe". In: *Translation Journal*. Disponível em <http://accurapid.com/journal/04stndrd.htm> -acesso em: 25/03/2005
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. (2006) *Análise da Conversação: princípios e métodos*. (tradução: Carlos Piovezani Filho). São Paulo: Parábola
- LEFEVERE, André (1982). 'Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature', *Modern Language Studies* 12(4): 3-20; reprinted (2000) in Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 233-49.
- _____. (1992). *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.
- MARLEAU, Lucien. (1982). Les sous-titres... um mal nécessaire. *Meta: journal des traducteurs*. vol. 7, nº3. 271-285. <http://id.erudit.org/iderudit/003577ar>
- REISS, K., VERMER, H. J. (1996) *Fundamentos para uma teoría funcional de la traducción*. trad. Sandra Garcia Reina e Celia Martín de León. Madrid, Ediciones Akal.
- ROSENFELD, Anatol. (2002) *Cinema: Arte & Indústria*. São Paulo: Perspectiva
- SANTIAGO, Vera Lúcia A.- *Ser Ou Não Ser Natural, Eis a Questão dos Clichês de Emoção na Tradução Audiovisual* (USP, 2000)

- _____. Glossário Bilíngüe de Clichês para Legendação e Dublagem (The ESP, 2003)
- SCHRÖTER, T. (2005). *Shun the Pun, Rescue the Rhyme?* Tese de Doutorado.
- VENUTI, Lawrence (2004) *Translation Studies Reader*. London: Routledge.
- VERMEER, Hans Josef (1989/2000). "Skopos and Commission in Translational Action", in Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 221-232.
- _____. (1988/2001) Didactics of translation. In: BAKER, Mona (ed.): *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge,. 60-63.
- VINAY, J.P. & DARBELNET, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris. Didier
- VINAY, J.P. & DARBELNET, J. (2000). "A Methodology for translation". trans. Sager and Hamel. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Routledge, London.

7 Bibliografia Consultada

ADAM, Jean-Michel. (1999) *Linguistique Textuelle – des genres de discours aux textes*. Paris: Editions Nathan.

_____. (1997) *Le style dans la langue – une reconception de la stylistique*. Lausanne: Delachaux et Niestlé,. (Collection Sciences des discours).

AIJMER, Karin & Bengt Altenberg. (2002). Zero translations and cross-linguistic equivalence: Evidence from the English-Swedish Parallel Corpus. In Breivik L.E. & Angela Hasselgren (eds.) *From the COLT's mouth... and others'*, Amsterdam/New York: Rodopi, 19-41

ALCINA, Amparo. (2008) Translation technologies. Scope, tools and resources. *Target*, 20, 1, p. 80-103,.

AMORIM, Lauro Maia. (2005) *Tradução e Adaptação – Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: UNESP

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. (2004) *As escolhas lexicais como representação da ideologia no ensaio jornalístico*. Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal - VII ENIL e I Simpósio de Análise de Discurso Crítica. Brasília: UNB, [CD-ROM].

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. (2004) *Análise crítica do discurso midiático: o gênero Debate*. Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal - VII ENIL e I Simpósio de Análise de Discurso Crítica. Brasília: UNB, [CD-ROM].

ARAÚJO, V.L.S. (2003) Glossário Bilingue de Clichês para Legendação e Dublagem. *The ESPECIALIST*, vol. 23 – nº 2 – p. 139-154. São Paulo.

AUBERT, F. H. (1984) “Descrição e quantificação de dados em tradutologia”. In *Tradução e Comunicação* 4. São Paulo, Álamô.

- _____ (1998). "Translation Modalities – A descriptive model for quantitative studies in Translatology." *Romansk Forum*. 6. Oslo. Universidade de Oslo: 3-28.
- _____ (2006). Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. In *Literatura e Sociedade* nº 9. S. Paulo, DTLLC/FFLCH/USP. 2006.
- AUSTERMÜHL, Frank. (2001) *Electronic Tools for Translators*. Manchester: St Jerome.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (2004) *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Vários tradutores, revisão da tradução Leci Barbisan & Valdir Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BAAYEN, R. Harald. (1998). Lexis, word frequencies, and text types. In IV I V *Jornades de Corpus Linguistics 1996-1997*. Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1998
- BACHMAN, Lyle. (1995) Habilidade lingüística comunicativa. In: LLOBERA, Miquel (ed.). *Competencia comunicativa*. Madrid: Edelsa. p. 105-127.
- BAKER, M. & SALDANHA, G. (2009). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies 2nd edition*. Abingdon: Routledge
- BAKHTIN, Mikhail. (1992) *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ & VOLOCHINOV, Valentin. (2004) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- BARBAZA, Raniela. (2005). "Translation and the Korido: Negotiating Identity in Philippine – Metrical Romances", in *Asian Translation Traditions*, ed. Eva Hung and Judy Wakabayashi. Manchester: St. Jerome, 247-262.
- BARBOSA, Maria Aparecida. (1991) *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global.

- BARONAS, Roberto Leiser; KOMESU, Fabiana (orgs.).(2008) *Homenagem a Michel Pêcheux – 25 anos de presença na análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras.
- BARROSO, Ivo. (2008). "A República da Piarataria", in *Jornal Opção*: <http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Imprensa&subsecao=Colunas&idjornal=259> Acessado em 9 de setembro de 2008.
- BASNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London: Methuen, 1980.
- _____ & LEFEVERE, A.(1990). Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights. In: *Translation, history and culture*. London: Pinter Publisher.
- BATEMAN, John A. (1998). Using corpora for uncovering text organization: goals, requirements and methodologies. In *IV / V Jornades de Corpus Linguistics 1996-1997*. Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 141-158
- BEN-ARI, Nitsa. (2006). "Suppression of the Erotic: Puritan Translations in Israel 1930-1980." *The Massachusetts Review*, Fall, 511-535.
- BENJAMIN, Walter (1962) 'The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction', tr. Harry Zohn, in *Illuminations*, New York: Schocken, 217-251.
- BENVENISTE, Émile. (1995) *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4 ed. Campinas, SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- _____ (1989) *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes.
- BERBER SARDINHA, Tony. (2004). *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Manole
- BERMAN, Antoine (1985/2000). "Translation and the Trials of the Foreignin Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 233-49.
- BIAU GIL, José Ramón; PYM, Anthony. (2003) Las memorias de traducción y el olvido del traductor. Apuntes para la pedagogía de um avance tecnológico

- imperfecto. In CORPAS PASTOR, Gloria; VARELA SALINAS, Ma. José (eds.). *Entornos informáticos de la traducción profesional*. Granada: Atrio. P. 287-300.
- BIBER, Douglas, Susan Conrad & Randi Reppen. (1998). *Corpus Linguistics - Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 21-54; 84-105.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo.(2001) Fundamentos da Lexicologia. In: *Teoria Lingüística. Teoria Lexical e Lingüística Computacional*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOLTER, J.D. and Grusin, R. (1999). *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge, MA: MIT Press.
- BOWKER, Lynne. (2002) *Computer-Aided Translation Technology. A practical introduction*. Ottawa: University of Ottawa Press.
- _____ & Jeniffer Pearson. (2002). Term extraction. In *Working with Specialized Language - A practical guide to using corpora*. London & New York: Routledge, 165-176.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine.(1995) *Introdução à análise do discurso*. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- BRÉAL, Michel. (1992) *Ensaio de Semântica*. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC/Pontes.
- BRISSET, Annie (1990/1996/2000). "The Search for a Native Language: Translation and Cultural Identity", Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 343-375
- BRUNETTE, Louise, Georges Bastin, Isabelle Hemlin and Heather Clarke (eds.) (2003): *The Critical Link 3: Interpreters in the Community*. Selected papers from the Third International Conference on Interpreting in Legal, Health and Social Service Settings, Montréal, Quebec, Canada 22-26 May 2001. Amsterdam: John Benjamins.

- CAMPOS, Haroldo de. (1997). "Arno Holz: da revolução da lírica à elefantíase do projeto", in *O Arco-Íris Branco: Ensaio de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 75-95.
- CANALLE, Michael. (1995) De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOBERA, Miquel (ed.): *Competencia comunicativa*. Madrid: Edelsa,. p. 63-81.
- CHARTIER, Roger. 2007 *Inscrever e apagar – cultura escrita e literatura (séculos XI – XVIII)*. Trad. Luzmara C. Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp,.
- CHESTERMAN, Andrew. 2000 Teaching Strategies for Emancipatory Translation. In: SHÄFFNER, Chistina; BEVERLY, Adab (ed.). *Developing Translation Competence*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins,. p. 77-89.
- CINTRÃO, Heloísa Pezza. (2006). "Capítulo 5. Equivalência Funcional e desenvolvimento da CT" In: *Colocar Lupas, Transcriar Mapas: iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em níveis básicos de espanhol como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. 2006 *Colocar Lupas, Transcriar Mapas: iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em níveis básicos de espanhol como língua estrangeira*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo,. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br>
- _____. 2008 Estudo da competência tradutória e seu desenvolvimento com uso de corpus de traduções. In: TAGNIN, Stella E. O.; VALE, Oto Araújo (eds.). *Avanços da Lingüística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas,. p. 365-386.
- COSERIU, Eugenio. 1977 *Princípios de Semântica Estructural*. Madrid: Editorial Gredos,.
- DEMIRCIOĞLU, Cemal. (2009). "Translating Europe: The Case of Ahmed Midhat as an Ottoman Agent of Translation", in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.

- DÍAZ CINTAS, J. (1997). *El subtitulado en tanto que modalidad de traducción fílmica dentro del marco teórico de los Estudios sobre Traducción*. Tese de Doutorado, Universitat de Valencia, Valência.
- _____ & ANDERMAN, G. (2009). *Audiovisual Translation – Language Transfer on Screen*. Palgrave Macmillan. Hampshire.
- _____ (2004). “Subtitling: the long journey to academic acknowledgement”. In: *Jostran – Journal of Specialised Translation* – issue 1
- DÍAZ FOUCES, Óscar. 1999 *Didáctica de la traducción (Portugués-Español)*. Vigo: Universidad de Vigo,.
- DÍAZ FOUCES, Óscar; GARCÍA GONZÁLEZ, Marta (eds.) 2008 *Traducir (com) software libre*. Granada: Comares,.
- DISCINI, Norma. 2004 *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto,.
- DUNNETT, Jane. (2002). “Foreign Literature in Fascist Italy: Circulation and Censorship”, in *TTR*, Volume 15, número 2, 2e semestre 2002, p. 97-123
- EBELING, Jarle. 1998. Contrastive Linguistics, Translation, and Parallel Corpora. *Meta* XLIII, 4, 602-615.
- FAIRCLOUGH, Norman. 1995 *Critical Discourse Analysis*. London: Longman,
- _____ 1992 *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. __. *Language and power*. London: Longman,.
- FERREIRA, Jerusa Pires (1992) *O Livro de São Cipriano: uma Legenda de Massas*, São Paulo: Perspectiva.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. 2004 *Culto ao corpo e identidade feminina: uma análise do discurso midiático sobre o emagrecimento*. Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal - VII ENIL e I Simpósio de Análise de Discurso Crítica. Brasília: UNB, [CD-ROM].

- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. 1999 In. BARROS & FIORIN (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, , p. 29-36.
- FISCHLIN, D. and FORTIER, M. (2000). *Adaptations of Shakespeare*. London: Routledge.
- FLUSSER, Vilém. 1998 Deixe isto pra lá. In: *Ficções Filosóficas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,.
- FOUCAULT, Michel. (1969) O que é um autor?. In MOTA, Manoel Barros da (org.), *Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 265-298. (Coleção Ditos e Escritos, III).
- _____. (1972) Retornar à história. In MOTA, Manoel Barros da (org.), *Michel Foucault – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 282-295. (Coleção Ditos e Escritos, II).
- GALLIMORE, David. (2006). “Tsubouchi Shoyo and the Myth of Shakespeare Translation in Modern Japan” in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 2. Manchester: St. Jerome, 483-492.
- GAMBIER, Y & GOTTLIEB, H. (orgs) (2001). *(Multi)Media Translation: concepts, practices and research*. Philadelphia: John Benjamins.
- GAMBIER, Y. (1994) - (ed) . *Language transfer and audiovisual communication. A bibliography*. Turku: University of Turku, Centre for Translation and Interpreting.
- GAMBIER, Y. (1996) – (ed.). *Les transferts linguistiques dans les médias audiovisuels*. Villeneuve d'Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion.
- GERLOFF, Pamela. 1986 Second Language Learners’ Report on the Interpretive Process: Talk-aloud Protocols on Translation. In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr,. p.243-262.
- _____. (1987) Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: FÆRCH, Claus; KASPER, Gabrielle. (eds.).

Introspection in second language research. Philadelphia: Multilingual Matters,. p. 135-158.

GILE, Daniel. 1995 *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam: John Benjamins, [revised edition 2009].

GONÇALVES, José Luiz Vila Real. 2003 Da consciencia à competencia: em busca de um modelo explicativo para a tradução. In: *O desenvolvimento da competencia do tradutor. Investigando o proceso através de um estudo empírico experimental*. 2003. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,. p. 25-77.

_____. 2001 Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG,. p.13-39.

GOODWIN, Charles & DURANTI, Alessandro. 1992 *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge Press,.

GÖPFERICH, Susanne. 2009 Towards a model of translation competence and its acquisition: the longitudinal study TransComp. In: GÖPFERICH, Susanne; JAKOBSEN, Arnt Lykke; MEES, Inger M. *Behind the Mind. Methods, models and results in translation process research*. Copenhagen: Samfunds Litteratur,. p. 11-37.

GOPINATHAN, G. (2006). "Translation, Transcreation and Culture: Theories of Translation in Indian Culture", in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 1. Manchester: St. Jerome, 236-246.

GOTTLIEB, H. (1992). "Subtitling - A New University Discipline". In: Dollerup, C. & LODDEGAARD, A. *Teaching Translation and Interpreting*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam (161-170)

GOTTLIEB, H. (1994). "Subtitling: Diagonal Translation". In: *Perspectives: Studies in Translatology*. vol.2 – issue 1. Taylor & Francis Online.

- GOTTLIEB, H. (2000). *Screen Translation: eight studies in subtitling, dubbing and voice-over*. Copenhagen: Center for Translation Studies – University of Copenhagen.
- GREFENSTETTE, Gregory. 2002 The WWW as a Resource for Lexicography. In Corréard, Marie-Hélène (ed.) *Lexicography and Natural Language Processing - a Festschrift in Honour of B.T.S. Atkins*. Euralex, 199-215.
- GUIMARÃES, Eduardo. 2004 *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, SP: Pontes,.
- _____. 1995 *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes,.
- HALLIDAY, M.A.K. (2001) "Towards a theory of good translation" In: STEINER, E. YALLOP, C. *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content*. Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 13-18.
- _____. 1991. Corpus studies and probabilistic grammar. In Aijmer, K. & B. Altenberg (eds.) *English Corpus Linguistics*, London & New York: Longman, 30-43.
- _____. (2001) . Towards a theory of good translation. In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin (ed.). *Exploring translation and multilingual texts: beyond content*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 13-18.
- HAND, Richard, and Katja Krebs (2007). Editorial, in *Journal of Adaptation in Film and Performance*. Volume 1, Number 1 - 2007. 3-4.
- HERMANS, Theo (ed.) (2006). *Translating Others*, Vol 1 & Vol. 2. Manchester: St. Jerome.
- HOLMES, James. (2000) The name and the nature of translation studies. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge. p. 172-185.
- HOUSE, J. (2001). "How do we know when a translation is good?" In: STEINER, E. YALLOP, C. *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content*. Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 127-160.

- _____. How do we know when a translation is good? In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin (ed.). *Exploring translation and multilingual texts: beyond content*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 127-160.
- HUNG, Eva, & Judy Wakabayashi (eds.) (2005). *Asian Translation Traditions*. Manchester: St. Jerome.
- _____. (2006). "And the Translator Is': Translators in Chinese History" in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 1. Manchester: St. Jerome, 145-160.
- HUNSTON, Susan. 2002. Methods in corpus linguistics: Beyond the concordance line. In Hunston, Susan. *Corpora in Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 67-95.
- HURTADO ALBIR, Amparo (dir.). *Enseñar a traducir. Metodología en la formación de traductores*. Madrid: Edelsa, 1999.
- _____. La competencia traductora. In: *Traducción y traductología*. Madrid: Cátedra, 2001. p. 375-401.
- HUTCHEON, Linda (2006). *A Theory of Adaptation*. London: Routledge.
- HYMES, Dell Hathaway Acerca de la competencia comunicativa. In: LLOBERA, Miquel (ed.). *Competencia comunicativa*. Madrid: Edelsa, 1995. p. 27-46.
- HYUN, Teresa. (2005). "The Lover's Silence, The People's Voice: Translating Nationalist Poetics in the Colonial Period in Korea", in *Asian Translation Traditions*, ed. Eva Hung and Judy Wakabayashi. Manchester: St. Jerome, pp. 255-168.
- JÄÄSKELÄINEN, Riitta. Translation Assignment in Professional Versus Non-professional Translation: A Think-Aloud Protocol Study. In: SÉGUINOT, Candance. (ed.). *The Translation Process*. Toronto: H.G. Publications; York University, 1989. p. 87-97.
- JAKOBSEN, Arnt Lykke. Translation drafting by professional translators and by translation students. In Gyde Hansen (ed.) *Empirical Translation Studies. Process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.

- _____ and JENSEN, Kristian T.H. Eye movement behavior across four different types of reading task. In: GÖPPERICH, Susanne; JAKOBSEN, Arnt Lykke; MEES, Inger M. Looking at Eyes. *Eye-Tracking Studies of Reading and Translation Processing*. Copenhagen: Samfunds Litteratur, 2008. p. 101-124.
- JAKOBSON, R. (1991). *Lingüística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J.P. Paes. São Paulo: Cultrix.
- JEDAMSKI, Doris. (2005). "Translation in the Malay World: Different Communities, Different Agendas", in *Asian Translation Traditions*, ed. Eva Hung and Judy Wakabayashi. Manchester: St. Jerome, 211-245.
- KARAMITROGLOU, F. (1997). "A proposed set of subtitling standard in Europe". In: *Translation Journal*. Disponível em <http://accurapid.com/journal/04stndrd.htm> -acesso em: 25/03/2005
- KELLY, Dorothy. *A Handbook for Translators Trainers*. Manchester: St. Jerome, 2005.
- _____ Setting the Scene. In: *A Handbook for Translator Trainers. A guide to reflective practice*. Manchester: St. Jerome, 2005. p. 7-19.
- _____ Planning and writing objectives/outcomes. In: *A Handbook for Translator Trainers. A guide to reflective practice*. Manchester: St. Jerome, 2005. p. 20-41.
- KENNY, Dorothy (2003) *CAT Tools in an Academic Environment: What are they good for?* Target, 11, 1, 65-82.
- KIRALY, Donald. *A Social Construtivist Approach to Translator Education*. Manchester: St. Jerome, 2000.
- KRINGS, Hans P. Translation Problems and Translation Strategies of Advanced German Learners of French (L2). In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication. Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 263-276.

- _____. The Use of Introspective Data in Translation. In FÆRCH, Claus; KASPER, Gabrielle. (eds.). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon/Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 159-176.
- KUSSMAUL, Paul. *Training the Translator*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- LARA, Gláucia Muniz Proença. *Discurso, ideologia e representação da língua*. Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal - VII ENIL e I Simpósio de Análise de Discurso Crítica. Brasília: UNB, 2004 [CD-ROM].
- LATHEY, Gillian (ed.) (2006). *The Translation of Children's Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters.
- LAVIOSA, Sara. 2002. *Corpus-based Translation Studies - Theory, Findings, Applications*. Amsterdam & New York: Rodopi, 23-58.
- LEFEVERE, André (1982). 'Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature', *Modern Language Studies* 12(4): 3-20; reprinted (2000) in Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 233-49.
- _____. (1992). *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.
- LEITNER, Gerhard. 2000. Lexical Frequencies in a 300 Million Word Corpus of Australian Newspapers. Analysis and Interpretation. *International Journal of Corpus Linguistics Vol 5(2)*, 147-178.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na Lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MAIA, Belinda. 2002. Do-it-yourself, disposable, specialised mini corpora - where next? Reflections on teaching translation and terminology through corpora. In Tagnin, Stella E. O. (ed.) *Cadernos de Tradução* no. 9 (2002/1), Florianópolis: Núcleo de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 221-235.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- MERKLE, Denise (2009). "Vizetelly & Company as (Ex)Change Agent: Towards the Modernization of the British Publishing Industry", in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.
- MEUNIER, FANNY. 2002. The pedagogical value of native and learner corpora in EFL grammar teaching. In Granger, Sylviane, Joseph Hung & Stephanie Petch-Tyson (eds.) *Computer Learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Teaching*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 119-141.
- MEY, Jacob L. *As vozes na sociedade: seminários de pragmática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- MIGUEL GONZÁLEZ, Marta. (2000). "El cine de Hollywood y la censura franquista en la España de los 40: El cine bajo palio", in Rabadán, Rosa (ed.) *Traducción y censura inglés-español: 1935-1985: Estudio preliminar*. León: Universidad de León, 61-86.
- MILTON, John. 1993/1998. *O Poder da Tradução*, Ars Poética, São Paulo, (reeditado como *Tradução: Teoria e Prática*, Martins Fontes, São Paulo).
- _____. (2001). "The Translation of Classic Fiction for Mass Markets. The Case of a Brazilian Book Club, the Clube do Livro", *The Translator*, Volume 7, Number 1, 2001, 43-69.
- _____. (2002). *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002.
- _____. (2003) (ed.com Marie-Helène Torres) *Tradução, Retradução e Adaptação*, *Cadernos de Tradução*, no 11, 2003/1.
- _____. (2009) "Between the Cat and the Devil: Adaptation Studies and Translation Studies", in *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Volume 2, Number 1, 47-64.
- MORIN, Edgar (1977) *Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo I - Neurose*, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In MUSSALIM & BENTES (orgs.). *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. Vol. 2, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 101-142.
- NÓBREGA Thelma Médici, and John Milton. (2009). “The Role of Haroldo and Augusto de Campos in Bringing Translation to the Fore of Literary Activity in Brazil”, in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.
- NUNES, José Horta & PETTER, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Pontes, 2002.
- O'BRIEN, SHARON. Processing fuzzy matches in Translation Memory tools: an eye-tracking analysis. In: GÖPFERICH, Susanne; JAKOBSEN, Arnt Lykke; MEES, Inger M. Looking at Eyes. *Eye-Tracking Studies of Reading and Translation Processing*. Copenhagen: Samfunds Litteratur, 2008. p. 79-102;
- O'SULLIVAN, Carol (2009). “Translation Within the Margin: the ‘Libraries’ of Henry Bohn”, in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.
- OLIVER, Antoni; MOREÉ, Joaquín (CLIMENT, Salvador coord.) *Traducción y tecnologías*. Barcelona:UOC, 2008.
- OLOHAN, Maeve. 2002. Leave it out! Using a Comparable Corpus to Investigate Aspects of Explicitation in Translation. In Tagnin, Stella E. O. (ed.) *Cadernos de Tradução no. 9* (2002/1), Florianópolis: Núcleo de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 153-169.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PAIZIS, George (1998) “Category Romances: Translation, Realism and Myth”, *The Translator* 4(1): 1-24.
- PAKER, Saliha. (2006). “Ottoman Concepts of Translation and its Practice: The 1897 ‘Classics Debate’ as a Focus for Examining Change”, in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 2. Manchester: St. Jerome, 315-324.

- PALUMBO, Giuseppe. 2003. The use of phraseology for training and research in the translation of LSP texts. In Maia, Belinda, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds.) *Training the Language Services Provider for the New Millenium - Proceedings of the III Encontros de Tradução de Astra-FLUP*, Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto, 199-211.
- PECHEUX, Michel. (1983) *O discurso – estrutura ou acontecimento*. 3 ed. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 2002.
- _____. (1983) A análise de discurso: as três épocas. In GADET & HAK(orgs). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. reimpressão 2001. Diversos tradutores, revisão técnica Eni Orlandi. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PELEGRIN, Laureano. (2002). “Tradutores e editoras : resistência, restrições, relações”. Disertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).
- POSSENTI, S. (2002a) *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola.
- _____. (2004) Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALIM & BENTES (orgs.). *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez. p. 353-392.
- _____. (2002b) *Os limites do Discurso*. Curitiba: Criar, 2002, p. 235-252.
- PRESAS, Marisa Bilingual Competence and Translation Competence. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (ed.). *Developing Translation Competence*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 19-31.
- PRETI, Dino. (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- PYM, Anthony. (2004). *The Moving Text: Localization, Translation, and Distribution*. Amsterdam: John Benjamins.
- _____. Redefinindo competência tradutória em uma era eletrônica. Em defesa de uma abordagem minimalista. trad. Adauto Villela. *Cadernos de*

Tradução, v. 1, 21, p. 23-30, 2008. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/8197/7579>

_____. Translation technology and training for intercultural dialogue: what to do when your translation memory won't talk with you. In: DIMITRIU, Rodica; FREIGANG, Karl-Heinz (ed.). *Translation Technology in Translation Classes. Iasi*: Institutul European, 2008. p. 12-27.

_____. Translator training. (no prelo) 2009. Disponível em: http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/2009_translator_training.pdf
REISS, Katharina. Cap. VIII e Cap. IX. In: REISS, Katharina; VERMEER, Hans Josef. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Trad. Sandra García Reina; Celia Martín de León; Heidrun Witte. Madrid: Akal, 1996. p. 109-146. [1984]. (Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie. 2. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991 [1. ed. 1984]).

_____. Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach. *Meta*, v. 48 (4), p. 482-496, 2003. Disponível em http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/Pym_competence_meta.pdf

RABADÁN, Rosa (ed.) (2000). *Traducción y censura inglés-español: 1935-1985: Estudio preliminar*. León: Universidad de León.

RAFAEL, Vicente L. (1993). *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society Under Early Spanish Rule*. Durham, NC: Duke University.

REISS, K., VERMER, H. J. (1996) *Fundamentos para uma teoría funcional de la traducción*. trad. Sandra Garcia Reina e Celia Martín de León. Madrid, Ediciones Akal.

ROBERTS, Roda P., Silvana E. Carr, Diana Abraham and Aideen Dufour (eds.) (2000). *The Critical Link 2: Interpreters in the Community: Selected papers from the Second International Conference on Interpreting in legal, health and social service settings*, Vancouver, BC, Canada, 19–23 May 1998. Amsterdam: John Benjamins.

ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator. An accelerated course*. London: Routledge, 1997 [2nd edition 2003 *Becoming a Translator. An Introduction to the Theory and Practice of Translation*.].

- ROBYNS, Clem (1990) 'The Normative Models of Twentieth Century Belles Infidèles: Detective Novels in French Translation', *Target* 2(1): 23-42.
- ROTHER-NEVES, Rui. Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa Translog. In: PAGANO, Adriana (ed.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p.41-67.
- RUNDLE, Christopher (2000) 'The Censorship of Translation in Fascist Italy', *The Translator* 6(1): 67-86.
- SALAMA-CARR, Myriam. (2006). "Translation and the Creation of Genre: The Theatre in Nineteenth-Century Egypt", in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 2. Manchester: St. Jerome, 315-324.
- SALGADO, L. (2008). "Um ethos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial de textos". In *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto (82-94).
- SANDERS, Julie (2006). *Adaptation and Appropriation*. London: Routledge.
- SCHÄFFNER, Christina. Running before walking? Designing a Translation Programme at Undergraduate Level. In: SCHÄFFNER, Christina; ADAB, Bervely (eds). *Developing Translation Competence*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 143-156.
- SCHRÖTER, T. (2005). *Shun the Pun, Rescue the Rhyme?* Tese de Doutorado. Karlstad University. Karlstad.
- SÉGUINOT, Candance. Interpreting errors in translation. *Meta*, vol. 35, 1, p. 68-73, 1990.
- SEIDLHOFER, Barbara. 2002. Pedagogy and local learner corpora - Working with learning-driven data. In Granger, Sylviane, Joseph Hung & Stephanie Petch-Tyson (eds.) *Computer Learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Teaching*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 213-234.

- SHREVE, Gregory M. Cognition and evolution of translation competence. In: DANKS, J. H.; SHREVE, G. M.; FOUNTAINS, S. B.; McBEATH, M. K. (orgs.). *Cognitive process in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage, 1997. p. 120-136.
- SIGNORINI, Inês (org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008.
- SIMPSON, Rita & Dushyanthi Mendis. 2003. *A Corpus-Based Study of Idioms in Academic Speech*. *Tesol Quarterly*, vol 37, nr. 3, Autumn 2003, 419-441.
- SINCLAIR, John. 2001. *Data-derived Multilingual Lexicons*. *International Journal of Corpus Linguistics*, vol 6 (Special Issue), 79-94.
- SOHÁR, Anikó (1996) 'Cultural Importation of Genres: The Case of SF & Fantasy in Hungary', in Kinga Klaudy, José Lambert and Anikó Sohár (eds) *Translation Studies in Hungary*, Budapest: Scholastica, 25-33.
- _____ (1997a) 'Virtual Translations or Cyberpunk in Hungary', in Kinga Klaudy and János Kohn (eds) *Transferre necesse est*, Budapest: Scholastica, 423-31.
- _____ (1997b) "The Cultural Importation Process of Popular Genres: The Case of SF and Fantasy in Hungary (1989-1995) from the Point of View of Translation Studies", PhD. Thesis, Leuven, Belgium: Katholieke Universiteit Leuven.
- STAM, Robert, and A. Raengo (eds.) (2005). *Literature and Film: A Guide to the Theory and Practice of Film Adaptation*. Malden: Blackwell.
- STUBBS, Michael. 1995. Collocations and Semantic Profiles: on the cause of the trouble with quantitative studies. *Functions of Language* 2, 1 (Disponível em:
- _____ (1996). Keywords, Collocations and Culture: the Analysis of Word Meanings across Corpora. In Stubbs, Michael. *Text and Corpus Analysis*. Oxford: Blackwell, 156-195.

- _____ (2001). Words in Texts 1: Words, Phrases and Text Cohesion. In *Words and Phrases - Corpus Studies of Lexical Semantics*, Oxford: Blackwell, 100-122.
- STURGE, Kate. (2002). "Censorship of Translated Fiction in Nazi Germany. Revue", in *TTR*, Volume 15, número 2, 2e semestre 2002, 153-169.
- TAGNIN, Stella E. O. (2005). *O Jeito que a Gente Diz*, São Paulo: Disal.
- TAHIR GÜRÇAĞLAR, Şehnaz (2006). "The Uses of Paratexts in Translation Research", in *Crosscultural Transgression: Research Models in Translation Studies II: Historical and Ideological Issues*, ed. Theo Hermans. Manchester: St. Jerome, 44-60.
- TATIT, Luiz Augusto de Moraes. (1987) *A canção: eficácia e encanto*. 2 ed. São Paulo: Atual.
- _____ *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. Professional vs. Non-Professional Translation: A Think-Aloud Protocol Study. In: SÉGUINOT, Candance (ed.): *The translation process*. Toronto: H.G. Publications; York University, 1989. p. 73-85.
- TOGNINI-BONELLI, Elena. 2002. Between Phraseology and Terminology in the Language of Economics. In Nuccorini, S. (ed.) *Phrases and Phraseology: Data and Descriptions*, Bern: Peter Lang.
- TOURY, Gideon (1978/ revised 1995/ 2000). "The Nature and Role of Norms in Translation", in Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 198-211.
- _____ Monitoring discourse transfer: a text-case for a developmental model of translation. In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, 1986. p. 79-94.

- _____. A bilingual speaker becomes a translator: a tentative developmental model. In: *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 241-258.
- TRIVEDI, Harish. (2006). "In Our Own Time, On Our Own Terms: Translation in India", in *Translating Others*, ed. Theo Hermans, Vol 1. Manchester: St. Jerome, 102-119.
- TYMOCZKO, Maria (1999). *Translation in a Postcolonial Context*.
- _____. (2007). *Enlarging Translation, Empowering Translators* Manchester: St. Jerome.
- UCHIYAMA, Akiko. (2010). "Translation as Representation: Fukuzawa Yukichi's Representation of the "Others", in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.
- ULRYCH, Margherita. 1997. The impact of multilingual parallel concordancing on translation. . In Lewandowska-Tomaszczyk, Barbara & Patrick James Melia (eds.) *PALC '97: Practical Applications in Language Corpora - Papers from the International Conference at the University of Lodz, 10-14 April 1997*, Frankfurt am Main: Peter Lang 421-435.
- UNTERNBAÜMEN, Enrique Huelva. Aspectos cognitivos do processo de contextualização. Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal - VII ENIL e I Simpósio de Análise de Discurso Crítica. Brasília: UNB, 2004 [CD-ROM].
- UPTON, Carole-Anne Upton (ed.) (2000), *Moving Target: Theatre Translation and Cultural Relocation*. Manchester: St. Jerome.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Critical Context Studies*. Lecture CDA Conference Valencia, May 2004. Disponível em [http:// www.discourse-in-society/teun.html](http://www.discourse-in-society/teun.html).
- _____. *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel, 2003.

- _____. *Discourse and manipulation*. CDA Congress Athens, May 2005. Disponível em [http:// www.discourse-in-society/teun.html](http://www.discourse-in-society/teun.html).
- VANDAELE, Jeroen. (2002). ““Funny Fictions””: Francoist Translation Censorship of Two Billy Wilder Films”, in *The Translator*, Vol. 8, Number 2, November 2002.
- VASCONCELLOS, Maria Lucia & Adriana Pagano. 2005. Explorando Interfaces: Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus. In Pagano, Adriana, Célia Magalhães & Fabio Alves (org.) *Competência em Tradução - Cognição e Discurso*, Belo Horizonte: UFMG, 176-207.
- VENUTI, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility*. London: Routledge.
- _____. 1998). *Scandals of Translation*. London: Routledge.
- _____. 2007) “Adaptation, Translation, Critique”, in *Journal of Visual Culture*.
- VERMEER, Hans (1989/2000). “Skopos and Commission in Translational Action”, in Lawrence Venuti (ed) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 221-232.
- VERMEER, Hans Josef. Didactics of translation. In: BAKER, Mona (ed.): *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2001 [1988]. P.60-63.
- VIEIRA, Else R. P. . A Postmodern Translational Aesthetics in Brazil. In: Mary Snell-Hornby. (Org.). *Translation Studies - An Interdiscipline*. 1a. ed. Amsterdam: John Benjamins, 1994, 65-72.
- VILELA, Mario. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- VINAY, J.P. & DARBELNET, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris. Didier
- VINAY, J.P. & DARBELNET, J. (2000). “A Methodology for translation”. trans. Sager and Hamel. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Routledge, London.

- WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *Areas in translation research. The Map. A beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 2002. p. 6-27.
- WODAK, Ruth. *De que trata a ACD - um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em Discurso*, Tubarão, SC, v. 4, número especial, 2004.
- _____. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- WONG, Lawrence Wang-Chi. (2005). "From 'Controlling the Barbarians' to 'Wholesale Westernization': Translation and Politics in Late Imperial and Early Republican China, 1840-1919", in *Asian Translation Traditions*, ed. Eva Hung and Judy Wakabayashi. Manchester: St. Jerome, 109-131.
- WOTJAK, Gerd. 1998. *Acerca del potencial comunicativo de las unidades fraseológicas idiomáticas y no-idiomáticas*. In *Cicle de Confèrencies 96-97*, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1998.
- WRAY, Alison. 2002. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 3-66.
- ZANETTIN, Federico. 2003. DIY Corpora: The WWW and the Translator. In Maia, Belinda, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds.) *Training the Language Services Provider for the New Millenium - Proceedings of the III Encontros de Tradução de Astra-FLUP*, Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto, 239-248.
- ZATLIN, Phylis (2006). *Theatrical Translation and Film Adaptation: a Practitioner's Viewpoint*. Clevedon: Multilingual Matters.

8 Anexos – Fichas Fílmicas

8.1 Encontrando Forrester

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrAXNEF	2. Título Original Finding Forrester	3. Título Traduzido Encontrando Forrester	4. Duração em minutos 136
5. Ano de produção 2000	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor AXN	8. Data e hora da exibição 16/04/2011 – 21h30
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1687		10. Caracteres por linha (máximo) 35	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 25 / s = leg. 82		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,5s / máximo: 4,9s	
14. Sincronismo das legendas com a fala () sim (x) não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 9803	16. Total de palavras nas legendas 8.795	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 1008	
18. Registro do original (x) Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas () Formal (x) Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 6	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original (x) legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula (x) Ausência de pontuação	24. Itálico () Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido () sim (x) não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas (x) sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>As legendas ficam pouco tempo na tela o que dificulta a leitura e o texto em português apresenta claras marcas de oralidade. Além disso, como houve pouca modulação no processo de tradução, o texto apresenta alguns problemas de tradução.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A maior parte das legendas tem o tempo de exibição entre 1 e 2 segundos. - Uso de contrações "pra", "tá", etc. - Uso do pronome te juntamente com o pronome você. - Quase todas as legendas saíram da tela antes do término da fala. 			

8.2 Encontros e Desencontros

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrAXNEeD	2. Título Original Lost in Translation	3. Título Traduzido Encontros e Desencontros	4. Duração em minutos 104
5. Ano de produção 2003	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor AXN	8. Data e hora da exibição 10/04/2011 – 13h00
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 979	10. Caracteres por linha (máximo) 32	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 21 / s = leg. 80		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,8s / máximo: 5,1	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 7.182	16. Total de palavras nas legendas 5.211	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 1.971 (28%)	
18. Registro do original (x) Formal () Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 9	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico () Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim (x) não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>As legendas ficam pouco tempo na tela o que dificulta a leitura e, além disso, houve um grande número de legendas faltando. Com relação ao número de caracteres por linha, as legendas apresentaram um padrão de 32 caracteres o que configura um padrão utilizado no Brasil pelo canal HBO.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Há várias legendas faltando em comparação com o áudio original. - A maior parte das legendas tem o tempo de exibição entre 1 e 2 segundos 			

8.3 Erin Brockovich: Uma mulher de talento

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrFOXEB	2. Título Original Erin Brockovich	3. Título Traduzido Erin Brockovich – Uma mulher de talento	4. Duração em minutos 131
5. Ano de produção 2000	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor FOX	8. Data e hora da exibição 28/03/2011 – 14h00
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1477	10. Caracteres por linha (máximo) 35		11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 23/ s = leg. 60		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,8s / máximo: 5,3s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 11.727	16. Total de palavras nas legendas 8.962	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 2.765	
18. Registro do original () Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas () Formal (x) Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 9	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original (x) legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações () Reticências (x) Vírgula (x) Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido () sim (x) não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim (x) não	
D. Observações sobre a legendagem			
As legendas estão muito próximas do padrão sugerido por Karamitroglou principalmente no que se refere ao número de caracteres por linha e nas características textuais e tradutórias, entretanto, o tempo de exibição das legendas dificulta a leitura. Tradução de palavras ofensivas.			

8.4 Filadélfia

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrMAXF	2. Título Original Philadelphia	3. Título Traduzido Filadélfia	4. Duração em minutos 125
5. Ano de produção 1993	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor MAX	8. Data e hora da exibição 17/05/2011 – 17h00
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1549		10. Caracteres por linha (máximo) 35	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 18/ s = leg. 108		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,6s / máximo: 5,2s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 10.946	16. Total de palavras nas legendas 8.484	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 2.462 (23%)	
18. Registro do original (x) Formal () Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 11	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original (x) legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras (x) Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim (x) não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>As legendas estão muito próximas do padrão descrito por Karamitroglou, os pontos divergentes ficam com o tempo de exibição muito restrito dificultando a leitura e o fato de as músicas que tem relação com o filme não terem sido legendadas.</p> <p>- Apesar de a trilha sonora ter relação direta com o filme, nenhuma das músicas foi legendada.</p> <p>- A maior parte das legendas tem o tempo de exibição entre 2 e 3 segundos</p>			

8.5 ShowBar

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrMAXPrimeSB	2. Título Original Coyote Ugly	3. Título Traduzido ShowBar	4. Duração em minutos 100
5. Ano de produção 2000	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor MaxPrime	8. Data e hora da exibição 17/05/2011 – 20h30
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1303	10. Caracteres por linha (máximo) 35	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 20 /s = leg. 6		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) 1 s mínimo / 6 s máximo	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 10.292	16. Total de palavras nas legendas 6809	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 3.843 (34%)	
18. Registro do original () Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 12 legendas com modulação.	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim (x) não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim (x) não	
D. Observações sobre a legendagem			
As legendas ficam pouco tempo na tela em comparação com o número de caracteres o que dificulta a leitura. As músicas, que têm relação direta com o enredo, não foram legendadas.			

8.6 Sem Saída

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LAcTCSS	2. Título Original No way out	3. Título Traduzido Sem Saída	4. Duração em minutos 114
5. Ano de produção 1987	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor Telecine Cult	8. Data e hora da exibição 06/04/2011 – 04h10
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1596		10. Caracteres por linha (máximo) 35	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 22 / s = leg. 152		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) 1s mínimo / 6 s máximo	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 9355	16. Total de palavras nas legendas 7816	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 1539 (17%)	
18. Registro do original (x) Formal () Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 8	21. Gírias (original vs. legenda) () original () legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) () original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas () Exclamações () Reticências (x) Vírgula (x) Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over (x) Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas (x) sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>O ponto de maior destaque refere-se à pontuação. As legendas que tiveram a finalização na próxima legenda apresentaram variedade com referência à pontuação. Em alguns casos utilizou-se a vírgula, em outros, nenhuma pontuação.</p> <p>O texto original não apresenta gírias nem palavras chulas.</p>			

8.7 O Som do Coração

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrTTSC	2. Título Original August Rush	3. Título Traduzido O Som do Coração	4. Duração em minutos 114
5. Ano de produção 2007	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor Telecine Touch	8. Data e hora da exibição 10/04/2011 – 20h00
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1.130	10. Caracteres por linha (máximo) 32	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 19 / s = leg. 99		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,6s / máximo: 5,4s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 7.654	16. Total de palavras nas legendas 6.782	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 872 (12%)	
18. Registro do original () Formal () Coloquial		19. Registro das legendas () Formal (x) Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 9	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido () sim (x) não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas (x) sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>As legendas não apresentam padronização quanto à pontuação, utilizando todas as alternativas possíveis para finalização de uma legenda sem conclusão de oração, ou seja, reticências, ausência de pontuação, vírgula. E quanto ao início das legendas seguintes, todas iniciam com caixa baixa, mas em algumas há a inserção de reticências no início da legenda.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reticências utilizadas no final de legenda e no início da próxima, sem padronização. - Há legendas sem pontuação. - O número de omissões baixo pode se referir à legendagem das músicas que não fazem parte do roteiro original. 			

8.8 O Clube de Leitura de Jane Austen

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrMAXHDCLJA	2. Título Original The Jane Austen Book Club	3. Título Traduzido O Clube de Leitura de Jane Austen	4. Duração em minutos 106
5. Ano de produção 2007	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor MAX HD	8. Data e hora da exibição 08/04/2011 – 18h25
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1586		10. Caracteres por linha (máximo) 34	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 21 / s = leg. 1276		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,8s / máximo: 5,6s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 12.190	16. Total de palavras nas legendas 9751	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 2.439 (21%)	
18. Registro do original (x) Formal () Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 10	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>Legendagem com algumas legendas rápidas demais dificultando a leitura. Excetuando a parte técnica, o restante está muito próximo do padrão proposto por Karamitroglou.</p>			

8.9 Um sonho de liberdade

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LDrHBOPiusUSL	2. Título Original The Shawshank Redemption	3. Título Traduzido Um sonho de liberdade	4. Duração em minutos 142
5. Ano de produção 1994	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor HBO Plus	8. Data e hora da exibição 18/04/2011 – 10h20
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1.653	10. Caracteres por linha (máximo) 35		11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 21 / s = leg. 74		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,9s / máximo: 5,8s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 12.657	16. Total de palavras nas legendas 10.011	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 2.646 (21%)	
18. Registro do original (x) Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal (x) Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 12	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
O tempo de exibição da legenda dificulta a leitura, as palavras chulas foram substituídas por palavras mais polidas.			

8.10 Dez Coisas que Odeio em Você

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LCHBODCOV	2. Título Original 10 Things I Hate about You	3. Título Traduzido Dez Coisas que Odeio em você	4. Duração em minutos 97
5. Ano de produção 1999	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor HBO	8. Data e hora da exibição 18/03/2011 – 10h10
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1152	10. Caracteres por linha (máximo) 33	11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 19/ s = leg. 107		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,8s / máximo: 4,2s	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 10.385	16. Total de palavras nas legendas 6.964	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 3.421 (33%)	
18. Registro do original () Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 13	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (x) original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim (x) não	
D. Observações sobre a legendagem			
<p>As legendas apresentam algumas falhas devido a um excesso de manipulação do texto. Quanto às características técnicas, o tempo máximo de 4,2 segundos faz com que as legendas tenham uma menor quantidade de caracteres, mas mesmo assim o tempo de exibição impede a leitura confortável.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As palavras chulas mais pesadas foram ignoradas nas legendas. - As músicas que fazem parte da história não foram legendadas. - Grande número de palavras chulas e gírias substituídas por palavras mais polidas 			

8.11 Um dia Especial

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: LCFOXUDE	2. Título Original One Fine Day	3. Título Traduzido Um Dia Especial	4. Duração em minutos 108
5. Ano de produção 1996	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor FOX	8. Data e hora da exibição 08/05/2011 - 18h00
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 1.301	10. Caracteres por linha (máximo) 34	11. Posição da Legenda (☒) Centralizada (☐) Esquerda	
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 22 / s = leg. 123		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 0,7s / máximo: 5,9	
14. Sincronismo das legendas com a fala (☒) sim (☐) não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 12.657	16. Total de palavras nas legendas 10.464	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 2.193 (18%)	
18. Registro do original (☒) Formal (☐) Coloquial		19. Registro das legendas (☒) Formal (☐) Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 12	21. Gírias (original vs. legenda) (☒) original (☒) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) (☒) original (☐) legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (☒) Exclamações (☒) Reticências (☐) Vírgula (☐) Ausência de pontuação	24. Itálico (☒) Voice-over (☐) Palavras estrangeiras (☐) Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (☒) sim (☐) não (☐) sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (☒) sim (☐) não	27. Diálogos (☒) com travessão (☐) sem travessão	28. Legendagem de músicas (☐) sim (☐) não	
D. Observações sobre a legendagem			

8.12 Seinfeld

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: SCSONYS	2. Título Original Seinfeld	3. Título Traduzido Seinfeld	4. Duração em minutos 18
5. Ano de produção 1991	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor SONY	8. Data e hora da exibição 18/03/2011 – 09H30
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 286	10. Caracteres por linha (máximo) 32		11. Posição da Legenda ☒ Centralizada ☐ Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 15 / s = leg. 49		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 1s / máximo: 5,9	
14. Sincronismo das legendas com a fala ☒ sim ☐ não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 2.284	16. Total de palavras nas legendas 1720	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 564 (25%)	
18. Registro do original ☒ Formal ☒ Coloquial		19. Registro das legendas ☒ Formal ☐ Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 11	21. Gírias (original vs. legenda) ☒ original ☒ legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) ☐ original ☐ legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas ☒ Exclamações ☒ Reticências ☐ Vírgula ☐ Ausência de pontuação	24. Itálico ☒ Voice-over ☐ Palavras estrangeiras ☐ Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta ☒ sim ☐ não ☐ sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido ☒ sim ☐ não	27. Diálogos ☒ com travessão ☐ sem travessão	28. Legendagem de músicas ☐ sim ☐ não	
D. Observações sobre a legendagem			
As legendas apresentam os aspectos técnicos e textuais muito próximos do padrão sugerido por Karamitroglou.			

8.13 Friends

A – Características do filme e da exibição			
1. Código: SCWF	2. Título Original Friends	3. Título Traduzido Friends	4. Duração em minutos 17
5. Ano de produção 2000	6. País de origem EUA	7. Canal exibidor Warner	8. Data e hora da exibição 19/02/2011 – 00H30
B. Características técnicas			
9. Total de legendas 347	10. Caracteres por linha (máximo) 32		11. Posição da Legenda (x) Centralizada () Esquerda
12. Tempo de fala vs. nº de caracteres máximo: 15 / s = leg. 76		13. Tempo mínimo e máximo de permanência na tela (legenda) mínimo: 1s / máximo: 5,7	
14. Sincronismo das legendas com a fala (x) sim () não			
C. Características textuais e tradutórias			
15. Total de palavras do original 3.123	16. Total de palavras nas legendas 2.235	17. Omissões em nº de palavras (original vs. legenda) 564 (29%)	
18. Registro do original (x) Formal (x) Coloquial		19. Registro das legendas (x) Formal () Coloquial	
20. Média de Modulações em cada 100 legendas: 14	21. Gírias (original vs. legenda) (x) original (x) legendas	22. Palavras chulas (original vs. legenda) () original () legenda	
23. Pontuação na finalização de legendas (x) Exclamações (x) Reticências () Vírgula () Ausência de pontuação	24. Itálico (x) Voice-over () Palavras estrangeiras () Títulos de livros e filmes	25. Caixa alta (x) sim () não () sem eventos no filme	
26. Blocos de sentido (x) sim () não	27. Diálogos (x) com travessão () sem travessão	28. Legendagem de músicas () sim () não	
D. Observações sobre a legendagem			
As legendas apresentam os aspectos técnicos e textuais muito próximos do padrão sugerido por Karamitroglou. E o índice de omissões deve-se à velocidade da fala dos personagens.			